

TRATO DE LEVANTE

BELLÉ JR.



Copyright © Editora Patuá, 2014.

Trato de Levante © Bellé Jr., 2014.

Editor

Eduardo Lacerda

Capa

Aline Lata | www.alinelata.com

Projeto Gráfico e Diagramação

Leonardo Mathias | [flickr.com/leonardomathias](https://www.flickr.com/photos/leonardomathias/)

J93t Jr., Bellé.

Trato de levante. / Bellé Jr.

São Paulo: Patuá, 2014.

ISBN 978-85-8297-098-0

I.Poesia Brasileira I.Título.

CDD – 869.91

Ficha Catalográfica elaborada por Janáina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático:

I.Poesia Brasileira : Literatura brasileira 869.91

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Patuá

Rua Lobato, 86

CEP 03288-010 São Paulo - SP • Brasil

Tel.: 11 2911-8156

www.editorapatua.com.br



A paixão segundo a revolução; a revolução segundo a paixão

por Paulo César de Carvalho*

Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho vontade de fazer a revolução.

Quanto mais eu faço a revolução, mais eu tenho vontade de fazer amor.

(Slogan libertário grafitado nos muros de Paris no Maio de 68)

Paulo Leminski certa vez escreveu que não há mais tempo para os grandes gestos inaugurais, isto é, para os grandes movimentos estéticos, para as grandes escolas artísticas: “talvez não haja mais tempo/ para grandes e claros GESTOS INAUGURAIS/ como a poesia concreta foi/ a antropofagia foi/ a tropicália foi/ agora é tudo assim/ ninguém sabe/ as certezas evaporaram”. Os versos do poeta-samurai, refletindo poeticamente sobre o “fim das vanguardas” nas últimas décadas do século passado, vêm bem a calhar para apresentar a obra do poeta Bellé Jr. no contexto da produção artística deste início de século.

Nesta pós-modernidade *líquida*, mais do que nunca vigora a máxima shakesperiana de Próspero (que reverbera também no Manifesto Comunista de Marx, no ensaio sobre as vanguardas do início do século XX, de Marshall Berman, e na metáfora

“líquida” de Zygmunt Bauman): “tudo o que é sólido desmancha no ar”. Relacionando Leminski e Shakespeare, entendemos que os chamados “grandes gestos inaugurais” consubstanciavam balizas sólidas, referências concretas, pontos marcados e visíveis no friso do tempo estético. Espécie de marco, cada modelo de criação, cada proposta de fazer, cada concepção de poesia unia autores, irmanava obras, conjugava leitores, criando escolas, paradigmas estéticos (imagem totêmica, metáfora *sólida*): esta tríade autor-obra-público, na eficiente formulação de Antônio Cândido em sua referencial “Formação da Literatura Brasileira”, é que faz história, é que fica na história. Autores isolados, por maiores que sejam seus méritos individuais, não formam um modelo, não fazem escola: por isso, por exemplo, o gênio de Gregório de Matos não basta para se falar num “movimento” barroco (por isso Haroldo de Campos, polemizando com Cândido, questiona “o sequestro do barroco” da “formação da literatura brasileira”, que começaria, para Cândido, no Arcadismo, que permite falar pela primeira vez em nossas letras em um “sistema literário”).

Talvez nos dias de hoje, de fato, as coisas tenham de ser revistas: nesta era líquida, não há mais o norte dos grandes movimentos, não há mais

a noção de unidade estética ligando autores, obras e público. O sólido desmanchou-se, liquefez-se: como disse Ivan Junqueira (da ABL, poeta, ensaísta e tradutor de Baudelaire e Rimbaud), difícil entender o panorama literário brasileiro atual, particularmente a produção poética (é dela, na verdade, que ele trata especificamente, em um documentário a que assisti sobre a relação entre a língua portuguesa e a literatura), já que não se vislumbra um marco coletivo, um ponto claro e bem configurado de leitura, um paradigma que se constrói a partir de uma unidade estética. A poesia contemporânea tupiniquim, em sua lúcida ponderação, é feita por um sem número de autores e obras sem um elemento comum que os ligue: ou melhor, talvez o elemento comum seja exatamente a ausência de um liame, num quadro que se caracteriza por autores trilhando caminhos muito diferentes, com propostas muito individuais, com estéticas muito particulares.

Passando em revista rapidamente alguns nomes, com o risco que sempre se corre, nesse tipo de situação, de deixar muitos outros não menos importantes de fora, dá para termos mais ou menos uma noção do panorama difuso, plural, instável, da poesia no Brasil do século XXI. Neste quadro

de “poéticas da diferença”, encontramos, por exemplo, a arte poética engajada de autores como Sérgio Vaz, que traz a periferia como tema e modo de dizer em sua poesia-rap (a nova “poesia marginal”); a poética que flerta com a filosofia, na poesia reflexiva de coloração existencialista de escritores como Marcelo Ariel e Juliano Garcia Pessanha; a poética multimídia da hidra criativa Arnaldo Antunes, que ecoa em seus textos a poesia concreta e a poesia visual trabalhadas à luz das novas tecnologias digitais; a poética seca, econômica, objetiva na poesia pós-cabralina do “educador da pedra” Marco Aqueiva; a poética underground de Ademir Assunção, que opera em sua poesia com elementos pop dos quadrinhos e com a fúria iconoclasta beatnik; a poética neobarroca de Amador Bueno, que mistura em sua poesia fragmentos de fala de feira, ruídos urbanos, intertextualidades com a música e a literatura, explorando o amálgama polifônico; a poética densa e elegante de Frederico Barbosa (ganhador por duas vezes do Prêmio Jabuti), também herdeiro de João Cabral e do concretismo, que revela um eu cético, uma consciência da dor e da solidão, sem os psicologismos fáceis, sem apelo ao tom meloso, derramado; a poética memorialística de Reynaldo Bessa (outro ganhador do Jabuti, poeta que tive a honra de prefaciar), que

traz ventos de Pedro Nava e de Proust em seus versos; a poética zen-existencialista também com toques memorialísticos de Edson Cruz (grande agitador cultural e articulador das cenas poéticas de hoje, seja no site *musa rara*, seja nos debates que organiza com poetas de distintas dicções na Casa das Rosas, em São Paulo, sob direção de Frederico Barbosa, espaço que não por acaso abriga a biblioteca de Haroldo de Campos); a poética do prosaísmo de Heitor Ferraz, requentando Bandeira e Drummond; a poética do neoparnaso de Alexei Bueno, com fortes inflexões bilaquianas em seus versos passadistas; etc.

Um desses caminhos solitários é o trilhado pelo poeta Bellé Jr., dando corpo a uma poética particular, com preocupações singulares, que materializam uma concepção estética própria na nossa literatura do século XXI. Como disse Haroldo em entrevista a Ademir Assumpção (mais um dos poetas agraciados com o Jabuti e que também trilha um caminho diferente nas nossas águas literárias): é tempo de entender a lição das vanguardas (não é hora de criar uma nova vanguarda). Nas palavras de Ademir, no texto que abre a entrevista: “do alto de uma erudição vertiginosa, afirma que as vanguardas artísticas já cumpriram seu ciclo histó-

rico e que o que atualmente é a pluralidade de vozes e dicções”.

Trata-se, pois, de um momento de parada estratégica: há muita neblina na estrada. É a hora de refletir sobre o que foi feito, de digerir as lições dos “grandes gestos inaugurais”, de entender as diferentes propostas dos grandes movimentos de outrora, para que então os poetas destes tempos difíceis possam encontrar um caminho próprio (como diz o mestre zen do haikai, o poeta Bashô: “não siga os mestres, procure o que eles procuraram”), em meio a esta densa floresta polifônica sem sinalização. O problema, todavia, é encontrar um norte neste quadro de esgotamento das “grandes narrativas”, das grandes estéticas, uma vez que parece que não há mais nada a fazer, considerando que tudo parece já ter sido dito. A propósito, Augusto de Campos tem um poema lapidar, sobre isso: “Tudo está dito / Tudo está visto / Nada é perdido / Nada é perfeito / Eis o imprevisto / Tudo é infinito”.

É nesse contexto que se inscreve a obra de Bellé. Aliás, parece-me que sua poesia nos ajuda a entender a ideia de Haroldo de Campos e os poemas de Augusto e de Leminski, funcionando como excelente pretexto para refletir um pouco so-

bre nosso tempo. Neste caudaloso projeto literário batizado de *Trato de Levante*, o poeta revela sua ânsia de digerir e reprocessar a lição das últimas escolas do século XX (do concretismo à poesia marginal, por exemplo), procurando entender e antropofagicamente devorar as propostas do último ciclo das vanguardas, para tentar provar que “nada é perdido”, que “tudo é infinito”. Por isso a leitura de seu livro me renova o entusiasmo: sua obra, “eis o imprevisto”.

Nesta era em que parece haver mais poetas do que leitores de poesia, em que se publica muito, mas de tudo pouco se aproveita, Bellé endossa a minha crença de que, para somar mais um livro aos muitos que já foram escritos, é melhor não escrevê-lo – parafraseando o poeta e editor beat Carl Solomon, explicando sua relutância em publicar. Em outros termos, nosso poeta sabe que, para acrescentar mais banalidade ao mundo, o artista é desnecessário – como ensina Ferreira Gullar, em sua crítica à abundância da produção estética contemporânea sem critério qualitativo. Por isso, defendo que este livro que nasce não vem ao mundo como mais um livro: nasce precedido de artigo definido, para jogar luz em muitos pontos obscuros da estrada da criação poética deste começo de século.

Estabelecidas algumas bases de análise para contextualizar a obra, *Trato de Levante* merece uma leitura atenta e cuidadosa, em primeiro lugar, pela maneira como se inscreve no contexto da poesia contemporânea brasileira, isto é, pelos deslocamentos estéticos que realiza: sem sectarismos, sem estar preso a fronteiras e sem o peso das bandeiras, o poeta dá uma lição de alteridade ao dialogar com movimentos que nunca se bicaram, incorporando tanto as lições da materialidade do signo linguístico dos poetas concretos (que também lhe dão régua e compasso para escrever com rigor) quanto os ensinamentos comportamentais dos poetas marginais (que lhe deram toques de descontração na linguagem e na vida, com seus versos de circunstância “sem lenço nem documento” – nesta ciranda entra também a Tropicália, por que não?). Claro que, também, faz-se presente a poesia engajada dos anos de chumbo da ditadura (que o alertaram para a incorporação da luta de classes e da urgência da revolução no discurso poético). O diálogo com a tradição não é novidade em nossas letras; é, aliás, uma de suas características. O que é digno de nota é operar com vozes diferentes, contrastantes, muitas vezes entendidas como excludentes. É como se, de certa forma, Bellé ecoasse em sua pro-

posta o cansaço de Torquato, que dizia estar farto da guerra santa entre a música de protesto e a música alienada nos anos 60.

Mas essa relação dialógica não se dá apenas na circunscrição da literatura brasileira (e não só, como veremos, nos limites do discurso literário). Outros nomes da literatura mundial também dão o ar da graça nestas páginas, como o chileno Pablo Neruda, o espanhol Federico Garcia Lorca e o americano Allen Ginsberg. Aqui é providencial parar um pouco no acostamento, para mirar um belvedere do livro, de onde se avista uma bela paisagem de alteridade, quando o protagonista e alter ego de Bellé, no capítulo de abertura, intitulado “Ele” diz: “o poeta que amo é comunista/ não tenho dúvidas sobre meu coração anarquista/ e assim seguimos de versos dados”. O “eu-lírico”, como Bellé, é anarquista, mas o poeta amado é comunista: o grande Neruda. A questão é unir os versos para engrossar a voz, para fortalecer a inteligência e a sensibilidade, e seguir lutando na vida e na arte.

No mesmo poema, lê-se também estes versos: “rima no poente sangue de nosso povo sulamericano/ as tintas sílabas em teu vermelho de oceano/ rebelde que nunca se rende/ não sei se somos/ ou

nos tornamos”. Ah, as veias abertas da América Latina de Eduardo Galeano... Em geral, nossas letras – o que não vale só para os gêneros poéticos – parecem virar as costas para as literaturas do continente, tanto a norte-americana quanto a sul-americana. Seja nas temáticas abordadas, seja no tratamento formal, a literatura brasileira (em gêneros literários que vão do romance à poesia, passando pelo conto) quase não dialoga com as vozes vizinhas, praticamente não reflete o que se discute em outras matrizes artísticas do continente. Para o bem e para o mal, sua identidade parece tão particular quanto isolada: a singularidade seria mais interessante se acompanhada da abertura para intertextualidades, e menos problemática se não implicasse fechamento para a diferença.

O livro de Bellé Jr., nessa perspectiva, é da ordem da abertura: isso que dizer que seus poemas estendem os braços para o continente, sua voz faz ressoar outras vozes de outras literaturas “americanas”, sua língua se enrosca com outras línguas (note-se que há poemas em português e palavras em espanhol), seus vocábulos misturam-se com outros corpos, seus versos amalgamam-se com outros versos, seu texto deita em outros solos. O que significa que o autor se constrói a partir do outro,

num exercício democrático de reconhecimento do “outro” na constituição do sujeito. É assim que Ginsberg e Lorca aparecem de “versos dados” no capítulo “Ela”, em que aparece a fala da personagem Valentina, que viajou por muitos lugares, como na cidade imaginária Auckland: “Colhi tomates. Era uma fazenda. Ao sul de Auckland. O futuro uivou”.

Para quem leu a grande obra de referência da poesia beat, o livro “Uivo”, de Allen Ginsberg, publicado por Carl Salomon, os dois poetas se conheceram no Hospício de Rockland: qualquer semelhança não é mera coincidência. Depois de Ginsberg, ou através dele, “Ela” cita versos libertários de Lorca, literalmente, e em espanhol: “En la bandera de la libertad bordé el amor más grande de mi vida”. Em seguida, a referência é explicitada, fazendo os poetas darem as mãos: “O uivo citou Lorca”.

A presença maior, contudo, é Neruda, cujo livro *Cem sonetos de amor*, não à toa, no terceiro capítulo, intitulado “Ele/ quando a teve/ nos olhos/ pela primeira vez”, aparece nas mãos dela: “ela tinha neruda nas mãos/ e o segurava próximo aos olhos/ beijando-lhe os versos com as pálpebras/ como uma jovem garota apaixonada (...)”.

Como o leitor já deve ter notado a esta altura, trata-se de uma história de amor entre dois sujeitos libertários, que se encontram num quilombo no sul. Mais não conto: só lendo para ver como se desenha a narrativa, como se desenrola a epopeia desta aventura de um amor livre em meio aos sonhos revolucionários da militância política. Por falar nisso, a presença do nobel chileno, vale dizer, é sintomática não só, como dissemos, pela consciência latino-americana que evoca em *Trato de Levante*: como o bardo dos Andes, o eu-lírico “Ele” (depois nomeado como “Bellé”!) se desenha, ganha corpo e densidade, na relação complexa entre o sujeito individual e o coletivo: um imerso nos dramas da epopeia da paixão; outro, envolto nas brumas da revolução. Um ergue barricadas nas lutas afetivas; outro levanta barricadas nas lutas sociais.

No capítulo “Ela/ entre/ elas”, lê-se a seguinte passagem, bem esclarecedora desta relação entre o individual e coletivo: “[Eu sei. Das duas: A que revoluciona classes. A que./ Revoluciona pessoas. Aquela./Que irrompe em armas./ Aquela que irrompe na alma. A que./Ama: A que mata”. O sujeito da enunciação, assim, por meio das personagens, ganha corpo no limite delicado entre a paixão se-

gundo a revolução e a revolução segundo a paixão. Sob as bandeiras do anarquismo do protagonista, tremulam várias memórias de levantes históricos: da Guerra Civil Espanhola que silenciou Lorca aos grafites que colocavam a “imaginação no poder” nos muros franceses do Maio de 68. E várias memórias de muitas histórias de amor, outros levantes passionais, outros tratos...

Este sujeito que ousa enunciar na primeira pessoa do singular numa era em que é um descaramento dizer “eu”, como ensinava Theodor Adorno, é como se dissesse, ecoando a força apaixonada da Andaluzia de Lorca, para traduzir a força irrefreável do amor, seu ímpeto de seguir sempre adiante, enfrentando a tudo e a todos: “mas eu irei/ ainda que um sol de escorpiões me queime a frente”. Este “pronome pessoal intransferível” – outro “homem na medida do impossível”, na linha direta do poeta tropicalista Torquato Neto – é como se grafitasse, com as tintas sonhadoras de Paris: “Quando penso em revolução, faço sexo; quando penso em sexo, faço a revolução”.

Neste *Trato de Levante*, pois, há a revolução e há Valentina: indissociáveis, como partes de um mesmo processo, na dinâmica da vida privada e no trajeto da ação social. Para o homem apaixonado,

sujeito individual, o orgasmo é revolucionário; para o militante apaixonado, a revolução é orgasmática. Aí nosso poeta parece encarnar *Eros e Civilização*, de Marcuse, contra o mecânico sexo tático do “homem unidimensional”, nesta contemporaneidade de libido asséptica.

Aqui, novamente, mais um ponto para Bellé pelo deslocamento que provoca no eixo temático. Aqui se destaca outro dado que atesta relevância de sua obra: seu texto recoloca a tática da poesia engajada no discurso poético, para flexibilizá-la dialeticamente, mostrando que é possível “endurecer, sem perder a ternura jamais” (para não dizer que não falamos de Che, também citado nas páginas desta epopeia love!). Nos anos 60, no Brasil, por exemplo, nos chamados CPC’s (Centros Populares de Cultura), a poesia dita “engajada” (e também outras artes, como o Teatro) servia de mero pretexto para conscientizar os trabalhadores da necessidade de engajamento na luta socialista. Pensando o melhor quanto à causa social, muitos poetas fizeram o pior quanto à causa estética: o “pelo povo” praticamente virou “contra a poesia”. O discurso poético, nesse contexto, mudou seu estatuto de gênero para panfleto político.

Isso é importante para colocarmos que o enga-

jamento de Bellé vai noutra direção: não despreza, exalta a poesia. Por isso, é político e estético, como se tivesse aprendido com Maiakovski que “sem forma revolucionária, não há arte revolucionária”. Seu texto não vira panfleto. O que não quer dizer que o poeta advogue uma “estética da pureza” (como diz o semioticista Luiz Tatit), que não flerte com outros gêneros: não só o faz, como em certas horas dialoga até com alguns tipos estranhos à poesia, como uma protocolar declaração de cartório (espécie de declaração de princípios, que introduz o livro, estabelecendo um pacto com o leitor, com a poesia, com a vida). Nesta introdução, apelando ao gênero protocolar, longe de perder a poesia no cinza da linguagem burocrática, subverte a escrita do escrevente (como Barthes chamava o oficial da escrita mecânica, artificial, cotidiana) para recriá-la na pena do escritor (como Barthes chamava o artífice da escrita criativa, artística, com função estética).

O livro de Bellé exemplifica bem a questão ao começar exatamente com a apresentação poética do enunciador astrônomo-poeta-revolucionário no gênero cartorário, estetizando-o para deslocá-lo para as galáxias poéticas, território dos gêneros inventivos. Como dissemos, é uma declaração, mas

de princípios estéticos e existenciais. Na melhor tradição subversiva de certa poesia existencialista no Brasil setentista, sufocado pela ditadura, como o livro de Eudoro Augusto e Afonso Henriques Neto, *O Misterioso Ladrão de Tenerife*. O primeiro poema parece legítimo antecessor da apresentação de Bellé: “Livro nº 675, de 2 de, de 1971 em que se estabelece a equação variável da paisagem de acordo com os limites topográficos do fogo, a soma dos detritos e a falta de ar”.

O filósofo Walter Benjamin dizia que a modernidade aboliu a fronteira entre os gêneros discursivos e textuais. É o que também propõe esta instigante obra: trabalhar a poesia na zona fronteira de outros gêneros, trazendo para o plano da linguagem a polifonia de gêneros com que o homem moderno se comunica: o texto jornalístico, a propaganda, os gêneros digitais... Isso contempla o segundo critério para a indicação deste projeto: sua consistência. Sua poética panamérica abole fronteiras, dentro e fora da linguagem: não se trata só da geografia física, da geopolítica, mas da geografia literária, da geografia dos gêneros. Na sua revolução libertária, em seu lirismo engajado, em

seu engajamento lírico, fronteiras não fazem sentido: o mapa da nova ordem poética de Bellé dilui as linhas demarcatórias entre as nações textuais. *Trato de Levante* é geopoética política e geopolítica poética: um sopro de utopia nesta era pós-utópica!

***Paulo César de Carvalho** é bacharel em Direito e mestre em Linguística pela USP, professor de Gramática, Interpretação de Texto e Redação do curso Anglo Vestibulares, co-autor do material de Língua Portuguesa do Sistema Anglo de Ensino, autor dos livros *Tópicos de Gramática* e *Tópicos de Interpretação de Texto e Redação* (Editora CPC). Foi editor do boletim *Texto & Cultura*, colaborador das revistas *Discutindo Língua Portuguesa*, *Discutindo Literatura*, *Arte & Informação*, *Liberárias*, *Livro Aberto*, entre outras. Foi consultor da TV FUTURA no programa *Tã Ligado?* Foi curador da exposição *Linguaviagem* (organizada pelo Museu da Língua Portuguesa e Ministério das Relações Exteriores), que abriu em 2010, em Brasília, o Congresso dos Países Lusófonos. Sua dissertação de mestrado intitula-se *Fragmentos epistolares de um discurso amoroso: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero “carta de amor”*. É articulista do site literário *Musa Rara*. Tem poemas publicados no livro *Na virada do século – poesia de invenção no Brasil* (Landy Editora) e na antologia portuguesa *Poezz* (Almedina), além de revistas literárias, como *Zunái* e *Cor-sário*. Em 2010 lançou o livro de poesia *Toque de Letra*, em 2012, *Letra na clave é sol* (ambos pela editora Nhambiquara) e em dezembro de 2013 lançou *Letra Livre* (Oitava Rima editora). É vocalista e letrista da banda *Os Babilaques*. Tem parcerias com vários nomes da cena musical, como Tatá Aeroplano, Pélico e Trupe Chá de Boldo. Sua canção *Na Garrafa* (parceria com a Trupe) pegou primeiro lugar no TOP 10 da MTV.

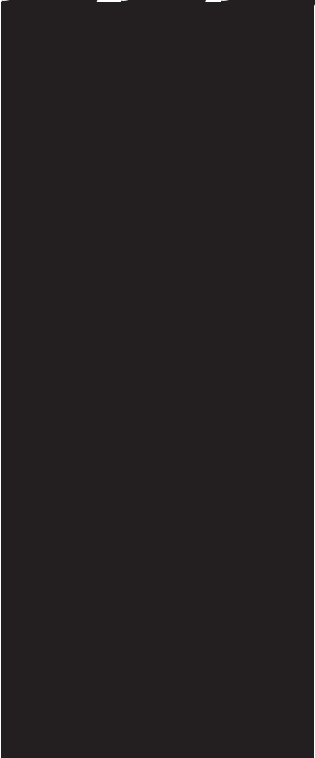
TRATO DE LEVANTE

Eu, firmo no verso do agora, com a assinatura dos teus olhos, nosso pretérito insurrecto. Posto que reconheço teu coração qual pulsão infinda, para a dialética elegia do poeta e sua poesia. Fundo a utopia. E te espero. Aqui: nas últimas sombras dessa manhã burguesa, para ver o sol nascer à esquerda, em nosso amanhecer vermelho e negro. Hasteia este trapo de esperança, no fundo do peito revolucionário, e já ensolarado, ombreia-te conosco, e claro, luta: a poesia é o sonho que restou, da estrela que explodiu por nós; do quântico ocaso cálido, quando o amor, só, bastava-se em fusão; dos dias em que o egoísmo não passava de gravidade. Ainda é nossa a rubra poeira que escorre a aurora, e escreve no horizonte com esse sangue de supernova, esta obra. De resistência. Ergam-se cabeças e ideias, para que os nossos sejam tempos. De irreverências.

Bellé Jr.

Aos signatários
e aos irreverentes

ELE



I

[me encontro
sentado à ribeira desta trincheira poética
amansando o lombo da chibata alheia
fumando somente as palavras que me queimam
e baforando-as em dores que escapam
entre meus lábios
entre minha pena

nem tão longe conversam os compadres e comadres
sobre antigas preocupações sulcadas na testa
entreolham-se por cima dos ombros
esperançosos de boas novas
e mapeiam uns nos outros **a fronteira necessária**
à resiliência de nossa esperança

de meu limbo voluntarioso, de gente de canto, vejo
cantoneiro das irreverências, miro
o cigarro no canto
dos pátios, nas esquinas dos aquietados, realejo
de folha seca
ventando frases montanhosas e estórias densas

no centro do gramado, dona teresinha
sentada ao redor de uma toalha xadrez
desbotada de outros piqueniques
corta um pão caseiro, perfumado pelo fogo
brando, na fragrância do forno a lenha
e da cesta retira compotas
de chimia de uva, figo e abóbora
cuja essência açúcarada faz delirar enxames
há um quilômetro e meio de distância

ela não está sozinha
ao seu lado, pernas deitadas, tronco escorado
meu velho amigo antônio, claro
que pouco se avexa e de pronto trata
de espalhar uma farta camada roxa sobre sua fatia
dois dedos de altura, um palmo de massa
a oferece a lina, recostada no caule da araucária
ela, num interessado meneio breve
com o queixo delicado, pede que espere
enquanto enche a cuia de mate, para que se faça
à sombra de um domingo na praça
o escambo mais nobre do sudoeste

vejo ainda seu osvaldo
gritando outro imperioso blefe
o sotaque de embriagado carcamano de sempre
truco, tenho e tô brabo!, retumba o som da vitória

com seguidos os socos na mesa
seu jovem parceiro bugil
acende o paieiro, ensaia o sorriso
e seguindo a ordem da piscadela
que recebera há um segundo
arremessa desdenhosamente
e mente
seu inútil par de quatro
sobre o monte

observo, longe
ainda que apenas uns quantos passos adiante
derretendo a mirada em pensamentos impenetráveis
debaixo do sol insurgente, esgueirando-se
entre suas promessas brilhantes
de aquecer nossa manhã cinza
a filha de dona berenice
cabelo ondado em remanso negro e pele de nevasca
na grama rasa, uma avalanche sombreada
sobre a jovem princesa alemã
chama-se alice, antes, me chamava de amor
passageiro e veloz, veio logo e logo terminou

admiro o respeito que me confiam
quando me esgueiro e me afasto
somente em meu silêncio de versos
me basto

calado, escancaro as portas e sinto ventar pelas janelas
com a revoada de minhas cortinas mais sinceras
alguns descaramentos da alma
libertas, as faces
das chaves com as quais trancafeei o enredo
e enfim fiar-me e solitário prender-me
em mim mesmo

por isso, não à toa, muitos de mim ainda burlam:
bakuninista amargurado, professor de fracassos
poeta derrotista, individualista inveterado

sei que carrego nos braços os sacos de areia
para o rei das barricadas
mas quando beiro as águas do rio negro
no longo leito
lá
em paso de los toros
onde tantas e tantas vezes, por benedetti
fui estapeado
e já não mais reajo ao punho marxista
nem ao menos resisto
ao do mais doce stalinista
por quem tão logo me confesso apaixonado]

o poeta que amo é comunista
não tenho dúvidas sobre meu coração anarquista
e assim seguimos de versos dados

apertamos o caudilho e disparo
meu pássaro negro vara a tempestade
num desespero libertário de vida
e de morte

rima no poente sangue de nosso povo sulamericano
as tintas sílabas em teu vermelho de oceano
rebelde que nunca se rende
não sei se somos
ou nos tornamos

tua poesia tem densidade de cobre
verve vulcânica aflora na altura dos andes
pura lava de copihue
que lavra
a brava terra mapuche

ELA



II - Acho que sou pólen

[Uma tarde. Perdi.
O olhar.
No mar-lá. De Moçambique.
Azul-abismo. Azul-celeste. Dois azuis pintados. De leste.
Sobre minha cabeça. Passarada. Várias. Pardelas-pretas.

A ave que voava afrente. Meu viu de longe.
Fez a volta. Planou. Sobre a água. Mergulhou.
Num instante.
Saltou das ondas. Triunfante.
Ânsia de prata. Escamada. No bico. Um peixe.

Rodopiou. Asas abertas.
Aterrizou. Um. Dois palmos. De minhas pernas.
Ofereceu a carne. Aos meus pés.
Me reconheceu. Como espécie.

Bati as asas. Novamente.

E. E. Se...

Levava comigo: Apenas isso. E aquilo.
Uma bolsa grande. Bordada em trevo de flores.

Alaranjadas e vermelhas.

Caule verde. Pequenos brotos. Quaisquer arco-íris.
Bordadas. Estavam também. A solidão e as lembranças.
Dentro dela. E no cheiro. Delas. Vestidos e sandálias.
Um coturno velho. Tênis velhos. Roupas de inverno.
E a primavera.

Nos olhos.

Passaporte brasileiro. Carimbos-todos.

Pouco espaço. Para novos. Livros:

Com esquinas amassadas. Quarteirões com.
Meus autores favoritos. Anotações. E rabiscos.
Em meu caderninho cubano: Capa com a foto.
De Ernesto. Ah-Comandante. Desde Havana.
Meus achados-poemas. Começam em ti.
Como recomencei. Aqui.

Quando maduros. Os arranco da página.
E dobro. Folhas de hortelã. Num envelope de hanji.
Além disso. Levo comigo. Muitas cartas.
De amigos e amores. Que a estrada me trouxe.
E que. Ao partir. De mim. Pariram palavras.

Não viajei. Vivi lugares.

Fui o que qualquer flor seria. Se pudesse.

Um dia.

Florescer a alforria da terra. Então voar pelo vento.
Para campos distantes. E lembrar dos tempos.
Em que seu horizonte era ar. Enfim soprar.

Livre.

Seu destino de pólen.

Acho que sou pólen. Ou anúncio de flor.

Viajei o mundo pela única razão. De não.

Poder viajar às estrelas.

Mas guarde um segredo: A saudade.

E a liberdade. Grave. Como motivo grave. Grave.

Como inspiração.

Viajei o mundo. Porque escutava. Cascata-pura.

E venenosa. Vozearia d'água.

Os uivos. Uivos. De futuro. Retumbavam nas rochas.

Seus borrifos. Me inundavam.

Muitos-repentinos. Arrebatadores. Mergulhei no mundo.

Porque no uivo. Eu cri. Cri. Como grilo solitário.

Em madrugada escura. E gramado vasto.

Uivo é lobo: Fúria crua: Numa matilha: Cortando.

O céu. Qual ventania: No meu coração.

Lua crescente. Numa impaciente cheia.

Querendo enxurrar. Já escutou o futuro uivar?

Já escutou sua voz obstinada.

Esbravejando fados doces?

O uivo tem brado de vida. Melodia que rasga. E dói.

O uivo. Traz. O clamor da marcha. Agora.

O uivo. Exige. O frescor de paisagens. Outras.

O uivo. Faz. A promessa de paixões. Inéditas.
O uivo cumpre.

Ah: Mas e se.

Quando o futuro uiva. Berro de angústia.
Enlameia meus vãos. Terreno úmido.
Onde-dissemino. Ele brota: Em mim.
Imponente como o Sol: Rápido como uma Nuphar:
Amarela como é: Estrela barrenta.
Meus braços no lodo. Meu peito de pântano.
Insensibilizam a pele. Ao toque. Ao afeto.
E o passado. Ao arrependimento.

Tudo que é agora. Perde o interesse.
Desfaz-se o encanto. Do presente.
Tudo que é momento. Desaparece.
Para meus olhos.
Só o depois: Acontece.

Colhi tomates: Era uma fazenda. Ao sul.
De Auckland. O futuro uivou.
Após o segundo prato. De espaguete.
Lavei talheres: Lavei o chão: De um restaurante.
Em Seattle. Pratos e copos. Aos cacos.
Uivaram juntos. E despedaçados.
Carreguei livros: Era a biblioteca. De Salamanca.
“En la bandera de la libertad

bordé el amor
más grande de mi vida”. O uivo citou Lorca.
Amei um percursorista: Foi em Lagos.
O tamborilar uiva. Me dança. Me afasta.
Fui feliz: Em Christiania. A segunda-feira. Uivando.
Me embarcou para Berlim.

Incessante-Eu:
Murchava já. Brilhava adiante.
Rompia com o hoje. Irrompia para o amanhã.
Secava para a rotina. Nascia com o porvir.

Juro que amei a uns. E outros me amaram.
Mas o amor é cais. Cais: Quase nada. Quando.
Há muito.
O uivo de futuro impõe. Deriva-de-ondas. Enraivecidas.
Nebulosa tarde de temporal. Vista da costa. Da vista.
Marejadas.
Uivo-paixão. A paixão é incendiária.
Chama à infamável-matéria. Num pulsar de fera.
Desliza.
Enchente-em-chamas. De vozes frígidas.
Cega. Em manhãs de luz forte. Vira hóspede.
Das noites claras.
As acinzentas. Recolhe as brasas.
No cinzeiro. Sua enxurrada. Se despede. E nada.

Como sereia. Desaparecia. Nas marés altas.

Não deixava desculpas. Nem levava qualquer culpa.
Por não deixá-las.

A cada estação. Fui embora. De alguém.
Embora. A cada estação. Em alguém. Eu aportasse.

Havia um preço. Que aumentava.
No calendário apressado. Me marcando a cara.
Face a face. Com traços. E espelhos.
Estraçalhados. Suas cicatrizes varadas nos ossos.
E nas velas. Na orla de minha alva. De mulher:
Morrer viva. E renascer morta:
Haveria sempre. Terra nova. Para descobrir.
Mas nunca. Terra minha.
Onde esconder. Minhas descobertas.
Eu sabia para onde ir. Mas nunca para onde voltar.
Eu sabia do preço. A se pagar. Dele. Sempre soube:
Jamais seria capaz de vencer a superfície.
De qualquer mapa. De nada. Nem de ninguém.
Me fiz na profundidade negligenciada.
Destes-meus-tantos: Alguéns.

Nunca pude penetrar. Na selva de seus sonhos.
Nem eles. Na savana dos meus.
Não pude acalmar. As serpentes.
Embotadas. Em suas tocas. Reclusas.
Nem eles puderam. Arrancar com as unhas.
Minhas ervas. Peçonhentas.

Não pude banhar-me. Nos seus oásis de gelo.
Nem eles tiveram tempo. De escalar minhas cordilheiras.
Ter a vista-acima. De meus nevoeiros.
Tão vasta a ponto de meus próprios olhos:

Nem eles. Nem ao menos.

Mas paguei. Como promessa.
E testamento de memórias. Paguei.
Investi como bandeirante. Colonizei receios:
Com a foice nos dentes: Espantei os primatas.
Domestiquei as feras. E fiz caminho.
Não permiti que por mim. Ninguém o fizesse.
Arranquei meus espinhos. Com beijos.
Fui a dançarina de meus passos. E de fado.
Em alguns cadafalsos.
Caí.
Nas gangorras. Balbuciei. Sem saber ao certo.
Pra que lado. Ou no ouvido de quem.

Só saberia. A hora de parar. E pararia.
Quando o uivo não mais gritasse.
E o futuro calasse. Quando: Silêncio.
Mudez debaixo do meu seio: Esquerdo.
Quando minha vontade. Calada. Os libertasse.
Quando o uivo se tornasse:
Murmúrio de rio pequeno. Ou de riacho imenso.
E o murmúrio de rio pequeno. Me navegasse.

Em suas margens. Afogaria dilemas.
Ancoraria planos. De eternidade.
Soube. Quando meus grãos de pólen anunciaram:
Semente. Germinaram raiz.
Amarelaram-se os dias. O ilhéu da noite-finda:
Choveu. E verdejou a mim: Serrania.
Só então: Fui-enfim colhida.
Nos braços.
Dos meus.

Quando ouvi. Ávida e limpidamente:
Os soluços do Rio Varanda.
Tão fino para encostas tão largas. Rasteja.
Com barriga de cobra verde. Espirros de bagre.
Ensaboado na lama. Ouço os murmúrios. Já:

Me sinto calma.

O temporal que me trouxe. O mais rápido que pude.
Só pode. Trovejar:
Estrondo de lobo. Em noite de chuva. Em minhas.
Nuvens passageiras: Seu uivo mais forte:
O mais imperioso chamado de vida.
Intenso e urgente como nunca antes. Tive medo.
Mas não tive saída.
Em minhas entranhas. Eu entrava. E ele se despedia.
Deixava seu recado. Num diário de ontem.

No fundo de uma banca. Num beco.

Em Livorno-Itália:

“Nel sud del Brasile, la rivoluzione libertaria
vince l’ultima battaglia.”

A cada sílaba. Eu sentia. A sede que não cedia.

Nem com um mar de águas.

Eu desenraizava.

Em silêncio. O uivo. Ia: Calando. Me deixava.

Seu vazio. Quietos de cores. Repletas.

Em meio ao nada. Caiado. De liberdade.

E alívio: Ali vi. E soube.

Eu simplesmente. Soube. Quando vi.

Minha viagem. Acabara. Hora de ir-embora. De volta.

Pra casa.]

Carta ao Uivo

Queria: A poesia mais bonita.
Para rasgá-la. Diante de ti.
Enquanto confesso que te amo.

Queria: Tua mirada. De calvário.
Elevando-se acima. Da minha.
Queria aquela. Que você sempre repetia.
Antes do sorriso despreocupado.
Que vinha logo. Em seguida.

Queria: que fosse tão fácil.
Quanto querer.
Quando ainda. Te queria.

Antes

Quando o coração. Vem e vai.
Ressaqueado por tempestades. E temporais.
Fica uma maré doída demais.
Do que está lá. Atrás.
Distante.
E um mar de amor de antes.

Meu mar de amor de antes.

ELA

NOS OLHOS

DELE

os dias são tão curtos
e ainda assim nos damos ao luxo
de tanto e tanto esperar

ontem mesmo esperei horas por um maldito
ônibus
é claro que por um atalho esperamos todos
e a juventude inteira
por um sonho

ou por uma vaga mágica perto de trabalho
por um trabalho, menos desgostoso
no banco, os resignados
fazem fila para de serem assaltados
e então assinam embaixo
um cheque predatado
sem fundo
nem fundamento

e esperamos como esperam os tolos
pela herdeira mais biscate da experiência

a quem muitos chamam pelo nome de solteira:
sabedoria
e ainda que para nós tenha se guardado tanto
e por tantos anos
toda virgem e intocada
nos chega assim, velha, imprestável e carcomida
e sabedoria sem desejo
é tão somente o prelúdio da morte
oferecendo-se à vida

também esperamos pelo modelo novo
de qualquer porcaria
por uma chance de ouro
para então desperdiçá-la à revelia

e pelo amor verdadeiro
esperamos que haja tempo
para que seja único e duradouro
ou apenas veloz e derradeiro

não há nada mais inspirador para um poeta menor
ou para qualquer verdadeiro sonhador
que a visão de **uma mulher**
de pé, recostada num universo particular
lugar que é para ela intransponível
para mim, impenetrável
lendo um livro e lendo-se
nele, no parque, no desencanto
no mesmo ponto de ônibus onde ontem
esperei tanto, nas nuvens, no sofá, na biblioteca
no alto da cordilheira de passado
em que descansa a lembrança
de cada uma delas
por quem me apaixonei em vislumbres apressados
de lapsos furtivos
de fortuitos relapsos
ela longe
concentrada em seus pensamentos
confiando-se a eles
e relegando-me àquilo que já não importa:

à fronteira entre sua solidão
e meu esquecimento
por onde correm seus olhos
em disparada
à distância interminável
da rotina
aos dedos mundanos enredando-se nas vielas
denotadas de verbos no presente onírico
e à eternidade apenas àqueles
que sabem admirá-la
e por ela reviverem-se
nas páginas viradas
por alegrias ou por lágrimas

ainda que de relance
ainda que de passagem
para seu destino diário
de cinza
de sempre
e de efemeridade

III

[ela tinha neruda nas mãos
e o segurava próximo aos olhos
beijando-lhe os versos com as pálpebras
como uma jovem garota apaixonada

nunca a havia visto antes
certamente se trata de uma forasteira
a pele negra delicadamente umedecida de labor
um bocejo em meio a cem sonetos de amor
e o meneio de cabeça que chacoalha o cansaço
exibindo-se no consentimento da beleza
para toda e qualquer indiferença
exceto para certos parágrafos chilenos
que a valiam de sossego
frente ao crivo impiedoso
de tantos olhares inconfidentes
disparados do fronte de meus bons amigos

afinal, houve uma insurgência e resiste a utopia!

desconhecidos ainda confundem-se com inimigos
não desaprendemos o hábito

ou vício dos idos de guerra
que nos leva a renegar nosso ensejo hospitaleiro
enraizado nestes ossos de araucária
nem de alvoroçar como a gralha
e voar como ela se preciso
ao azul sem sentido
ao mar e ao abismo

ao seu lado
dois gomos de vergamota
descansam na grama baixa
de pontas desbotadas pela geada de logo cedo
parece incomodada pelo frio
talvez ela ainda não saiba
estas temporadas costumam ser geladas
nesses pampas de montes largos
sudoeste de planaltos desgastados
por onde sopram livres as lufas de inverno
elas talham com seus cinzéis de tempo
a paciência das rochas, antes quinas perigosas
hoje vastos gramados abobadados
por sorte veste uma blusa de lã
sobre um rodado vestido bege
e por cima das meias e por baixo dos coturnos
a preta e apertada calça legging

sei que a beleza é a prova definitiva
da natural desigualdade do mundo, mas

eu poderia jurar que há muitas décadas
os ascendentes desta garota
foram arrastados de alguma tribo
ou miríade entranhada
numa África indomável
e de lá trouxeram no sangue essa herança autoritária
capaz de tornar um simples enrolar de cachos negros
volteados por uma caneta vermelha
em espirais lentas
a experiência mais sedutora
da manhã de um homem

me pego imaginando de onde veio
pois o motivo suponho que conheço
agora há todo tipo de gente
requisitando visto de entrada
há um interesse extravagante e uma urgência
hora efusiva e hora safa
querem desvendar como esta pequena cidade
regou-se de espinhos, renegou as autoridades
e livre desabrochou numa rosa rubro-negra
a alforria de quaisquer bandeiras
como usamos nossa derradeira
como vela e navegamos
a caravela libertária
condecorando o mar de montanhas e florestas
nosso almirante de esquadra
e como a tudo isso nós sobrevivemos

matando e morrendo
quais foram nossas armas?
como nos tornamos nosso próprio governo?
e como eles não perceberam nada?
como?

agora estão por todos os lados
há repórteres e historiadores
iludindo-se sobre o poder das massas
reformulando conceitos e escavando covas de autores
ressequidos junto as traças
há filósofos cochichando sobre o inconsciente coletivo
e o divã certo onde cochilar suas quimeras
há intrusos e impostores
há cruéis caçadores de respostas
e há descrentes querendo ficar
viver a utopia, tocar seu rosto e finalmente descobrir
quando foi que a periferia desceu para o centro
com quem ela se parece
se seu tom é vermelho
se tem gosto de prece
agora há rebanhos de antropólogos
há enxames de sociólogos

e há

uma linda garota negra levantando-se de repente
e surpreendendo minha mão direita a escrevê-la

enlouquecidamente
detêm-se um instante ao finalmente notar-me
anotando-a em frases e estrofes inteiras
seus olhos já lindas lâminas escuras
desbainhando-se das pálpebras
de uma faquir que em mim mira
impiedosa
devolvem-se a neruda
acanhadas
mas logo se põem a segar seu caminho pela praça
dessas praças de cidade pequena
onde a catedral lança sua sombra crucificada
sobre a demorada solidão
que afia as garras no vão entre as tábuas
dos bancos quase vazios
mas elas seguem segando sem distinguir flores
ou espinhos
indiferentes ao seu jardim de brevidades
insistentes
até desvendarem meu all star sujo e burguês
a mesma calça jeans surrada
meu peito que respira apressado
debaixo da camisa de flanela
a cada centímetro rasgado
pelo fio daquelas retinas
mais e mais interessadas
elas demoram-se em meu lábio um pouco seco
mas alegram-se ao notarem que já é tarde
para desistir

quando sorrio e esgrimo nossos olhares
pelas curvas de seu corpo
deixando-me flagrar sem receio, até feliz pela culpa
e mesmo quando ela vira as costas desaparecendo
inesperada e irredutível
sem ao menos dar uma chance
de me explicar ou de me arrepender
de dizer das borboletas, de minhas poesias
das bebedeiras com os amigos
dos meus autores favoritos, do boson de higgs
e da antimatéria do anticristo
sem sequer dar seu número ou seu endereço
não, nem assim decresce o ensejo
de correr ao seu encontro

por isso imagino-me corajoso
deitando um rastro felino à sombra de meu bote
te agarrando, moça, delicada
porém firmemente, pelo ombro
para emudecer a cênica surpresa
que te denuncia
esta estrategista de acasos
esta profeta das sincronicidades
e com a poesia vulgar de um beijo
por fim
até meus versos
arrastar-te]

sinto seu cheiro escorrendo
debaixo do trevo das araucárias
sinto que sou sereno e você é geada
e assim que romper a madrugada
e pôr fim ao nosso outono
num segundo secarão as folhas
e nelas, as caligrafias
sobre as mesas dos poetas

mas será você quem será
presente e condensará
num orvalho silencioso enquanto leio
residência en la tierra
caballero solo com o baseado aceso entre os mesmos
dedos que durante a noite desnudarão seus seios
e os mais incendiários pecados

serei seu solista de lábios e de beijos

não te quero apenas
mulher
mas **compañera**
carrega comigo nessa marcha
a bandeira negra

te desejo errante e derradeira

trepadeira de estrelas na escuridão baixa
fugiremos juntos na poeira da estrada
e sós ergueremos nossa fortaleza
na lareira seremos o fogo
da fumaça subindo solitária

e sumindo conosco
sem uma só palavra

querida

é importante que antes que me beije

saiba

fique ciente

nunca me arrependo de apostar em sonhos

ainda que impossíveis

tampouco em ideais

sou rapaz simples poeta proletário

mas dado a estes caprichos caros e fatais

quero ser agora

um pouco daquilo

que talvez

jamais serei

depois

sei que em breve estarei velho
decifrando o fim pelas lupas de aro grosso
para reler históricas rugas na tez de meu rosto
e jogar com as vogais entre as cruzadas que perdi
também sei que serei o que me resta
não o que me basta

mas aposto com o destino
e sua cavalaria de abutres famintos

que ainda seguirei hasteando
a mesma rebeldia
após dobrar a bandeira da juventude
e tremular a experiência tardia
de um domingo que já muito tarde
entardeceria
anunciando uma década inteira
de segundas-feiras seguidas

NOS OLHOS SOHTO SON

DELA

Journal of Management Inquiry 26(5) 479-497 © The Author(s) 2017. Reprints and permissions: [DOI: 10.1177/1056492617714007](http://sagepub.com/journalsPermissions.nav) <http://jmi.sagepub.com>

Aparição

O calor: Me importa.

Pele-com-pele: Interessa. A. A-minha-pele.

Apenas muitos: Suores. Matam a sede. De meus poros.

Atrito de pelos. Alisando-Poréns. Fazem faísca.

Rela-Fogo. Queima: Releva. Tristezas-Estas.

Adubam a terra. Para minhocas. Loucas-Cegas.

Apaixonadas. E daí?

Jardim novo. De amores. Menores. E necessários.

Deixam a vida. Em forma. E vida. Em forma.

De lembranças.

O amor?

O amor é.

Porque sempre acha um jeito. De ser.

Flor-camaleão: Sou: Meio girassol. Beijo beija-flores.

Que encantam: Pelo voo. Pela fúria. Pelas cores.

E beleza. Pela estranheza. De um.

Bater de asas. De outro.

Veio. Foi. É. Era.

O que me faz. Permiti-los. Por um momento. Fugaz.
Não é o que me faz. Permitir. O amor. De ficar.

Me permiti. Você.
Jamais.

Somos.
Quando é amor. É assim.
É assim. Quando de repente é.
Amor.

Quando não: são apenas-alguéns.
São aqueles-poréns: Faiscando.

Canto:
Amor de girassol. É só um só. É só o Sol. É só. O Sol.

IV - A paisagem

[Adormeci. Lembrando dele. Sonhei que o conheci.
Numa velha vila. Na Andaluzia.
Vestia um uniforme. Portava uma bereta.
E se despedia.

Acordei. Seus braços. Me raiando. A cortina aberta.
Seus raios. Me apertando. O galo cacarejando.
Voam as colchas. Dobram-se as cobertas.

Cantei um samba triste.
Batuquei um afrobeat da Nigéria.
Nem assim. Ele foi embora. De mim.

No café falei de um homem. “Vi ele ontem, na praça”.
Camisa de flanela. Escrevendo coisas. O tempo todo.
“É o poeta”, disse Senhora Emília.
“Eu sou poeta”, disse pra ela.
Mas agora queria ser uma poesia dele.
Disse. Pra mim mesma.
“Ele dá aula lá na universidade”.
Foi o Senhor Lauro quem disse. Ajeitava a erva.

“Leciona literatura, senão me engano.
É um bom amigo e meu parceiro na sinuca”.
Ronca o chimarrão. Duas vezes. Cospe verde na pia.
Puxa a bomba um pouco pra cima.
“Agora, sim, está certo. Quem quer a primeira cuia?”
Faz isso toda manhã. Aprendi com ele.
Senhor Lauro recita:
“teu sangue, seiva de geada fria, paraná,
tua alma de madeira forte
e carpintaria impossível”. Completa: “é dele,
ele é o poeta aqui da terra”.
Conta do Bar do Zé. Onde costumam beber juntos.
E perder as caçapas.
Disse que ele estaria lá essa noite.
Disse que por toda a madrugada.
Meus olhos voam longe.
Talvez.
Uma. Duas. Dez. Cervejas geladas.

“Valentina”. Acordei. Pela segunda vez.
“Quero que encilhe o Baio, tem que ser o Baio.
Já é hora de você conhecer o Quilombo.
E esse povo todo te conhecer. Tire o dia pra isso.
Hoje eu e a Emília cuidamos da horta”.
Fui dizer.
“Não se preocupe, minha filha, pode ir tranquila”.

Galopei. Só. Pra esquecer. Sinto ele. Por perto.
Orvalho. Aqui. Geadas. “Sangue de geada fria”.
Cobre as montanhas de branco. Esse branco:
Um dia. Foi Paraná.
Elas são baixas. Baixinhas. Parecem curva de planície.
Não dá pra ver muito além. Da névoa da manhã.
Aqui. Neblina. Se é de noite. Sereno.
“Não sai na rua que vai pegar sereno, mocinha”.
Toda noite fria. Senhora Emilia. Aconselha.
Ficar em casa. Ao redor do forno a lenha.
“Sapecando pinhão e contando caso”. Diz ela.
Eu digo que gosto. E gosto. Mesmo.
Mas também gosto do sereno.
De sair na noite fria.

Lembro dos montes lá na Itália. Não sei porquê.
Ou talvez saiba. Lembro de Pietro.
Ah, Pietro.
Por ele quase fiquei. Pra sempre. Em Livorno.
Mas o uivo. O uivo.
O uivo agora é abandono. É abandono.

Mas o Baio. É cinzento. Sabe os atalhos.
Solto a rédea. Agradece. E dispara.
Rastro veloz: Somos as pegadas: Vento-gelo-janelas.
Os cristais. De água. Beirais. Onde escoramos.
A paisagem. Borrada-à-toa. Toda: Velocidade.

Baio diminui o passo. Passamos por plantações.
Gente arando a terra. Chapéus de palha.
Gente nova. Gente velha. O poeta estará entre elas?
Baio relincha para as éguas. Move a cabeça.
Para as pessoas.

É estranho. Hoje pessoas me cumprimentam.
Ontem me cobriam de olhares. Desconfiados.
Hoje sorriem. Convidam pra uma cuia de mate.
Hoje perguntam se quero entrar. Se preciso de algo.
Insistem para que fique. Para o almoço. Ou volte.
Para o jantar. Oferecem potes de chimia.
Frutas recém-colhidas. Passeios pelo campo.
Me dizem. Das máquinas. O nome dos gatos.
Os cães de guarda.

Estranho tudo isso. Pergunto. Escuto.
“Você tá montada no Baio, mocinha.
O melhor cavalo da Comuna Oeste.
E o Baio é herói nessa cidade. Herói da revolução.
É o cavalo do Lauro.
Se hoje o Lauro encilhou o Baio pra ti,
é porque tu merece. Se ele fala, tá falado”.
Quem disse foi a Senhora Berenice.
“Dona Berenice, moça, Dona Berenice”.
“Tu tá posando na Emilia, não tá?
Aproveita que tá a galope e leva

um galão de vinho pra Emilia,
e diz que a noite apareço pra fofocar
e beber com a véia, contigo e com o Lauro”.

Arregalo os dentes. Gole de vinho.
Garrafa nos bolsos. Da sela do Baio.
Aceno contente. Empunho as rédeas.
Dois tapas no lombo. Estrada de terra.
O Sol vem bem alto.
Caminhões se movem. Apressados.
Nos contornam. E aparcam.
Vem recolher os grãos. As raízes-vegetais-frutas.
Estocam cada qual num galpão.
Da cooperativa: Comuna Oeste.
Distribuem um tanto nas feiras. Semanais.
Dos bairros. Todo habitante desse Quilombo. Doa.
Duas horas de seu dia. Cinco dias por semana.
Para a comunidade.

Eu. Toda manhã. Cedinho. Cedinho.
De pé. Regando a horta. Arranhando o solo.
Duas horas. Três. Quatro. Quando vejo. Nem vejo.

E agora um curso de Literatura. Noturno.
Universidade Livre do Quilombo. Campus do centro.

Ele.]

Ter-te-lido

Sinto meu coração. Livre. Para ancorar. O seu.
Nuvens são barcos. Do céu. Garoa-em-mim.
Garoa. Marinheiro.
E navega. Em bagas-ondas-suadas.
Mas sua âncora. Ancora. Solitária.
Em minhas águas turbulentas.

Aqui na terra. Saiba. Uma flor. Bebe sua lágrima.
E te espera. Descer.
Ou deseja que eu cresça. Até você?

Sinto meu coração. Livro. Para escrever. O céu.
Nuvens são as páginas. Em branco. Do seu.
Pulsa por mim. Bate. Poeta.
E poetisa. Eu.

Aqui. Noutra linha. Saiba. Uma flor-virou-palavra.
Sua. E te verseja. E te lê.
Talvez agora. Ver seja apenas. Ler você.

ELE

E FLA

V

[Ela ali,
na mesa do canto.

Ele no banco
da frente do bar.

Ela cansada,
cerveja gelada,
um dia bom
um começo feliz.

Ele triste,
cigarros e beques
pela revolução
outro pileque e o fim.

Ela samba, suingue e bolero.

Ele boteco e Rimbaud.

Ela miradas
piscadas de lá.

Ele de cá
sorriso incômodo.

Ela azul claro, vestido rodado e futuro.

Ele presente e quebrado
só Nietzsche no bolso e saudade.

Ela poesia. Ele descrição.

Ela negra,
sensível de prosa,
guardanapo com bossa
pelo balcão.

Ele
leminskiano distante,
versos interessantes,
bom tom.

Ela oi. Ele olá.
Ela Valentina. Ele Bellé.

Ela mãos e dedos.
Ele beijos, suspiros e mais.

Ela ui, ai. Ele vem e vai.
Ela vento e caos. Ele vela e cais.

Ela muito. Ele demais.]

VI

*/ela
encaracolada
entre os lençóis dos braços dele
batucando as pontas dos dedos
nos nós dos dedos dele
o baseado
hora pendurado entre seus lábios
hora entre as unhas descascadas
cravadas na pele dele*

Foi um pouco.
Rápido demais.
Não foi?

perdão,
eu estava ansioso

Não! Bobo!
A gente.

a gente não foi
valentina

a gente é
e talvez a gente será
gosto do seu nome
valentina, valentina
valentina...

Posso dormir aqui.
Contigo. Essa noite?

quantas noites
você quiser

Me empresta.
Uma camisa velha.
Um pijama?
Está frio.

aqui sempre é frio
vá se acostumando

Por favor?

acho que nua
você fica muito melhor

Mas o frio. Não acha.

*ele levanta-se
caminha até o armário
corre as falanges entre o vestuário
ela olha de longe*

*uma camisa longa
malha grossa
mangas curtas
tingida de cinza
no meio, um desenho do Banksy
o molotov de chamas de flores
bate asas pelo quarto
ela
senta-se na cama
passa o pescoço pela gola
o tecido se acumula e se enrola
preso nos bicos dos seios
ele apenas a observa
desesperado
sente um desejo novo
nascendo
e crescendo
um pouco abaixo*

fique com ela
agora já não faz
sentido algum
em mais ninguém

Você parece.
Um romântico.
Daqueles bem bestas.

Acho isso bonito.
Acho. Sei lá. Meigo.

acho um saco
queria ser rude
violento, do tipo bárbaro
as mulheres
parecem gostar mais disso
de caras desse tipo
sabe? assim, destemidos...

Prefiro aqueles.
Que sabem amar.
Do meu jeito.
E você foi. Sim.
Um pouco bruto.
Agora pouco.
Foi. Talvez. Terno e.
Humm. Selvagem.
Ao mesmo tempo.

venho ensaiando
prum momento especial

Como esse?

ele
responde apertando-a delicada e repentinamente

*e então suspira relaxando os músculos
mas ela escuta um soluço
um soluço impensado
de tal forma inesperado
que o desmarcara
e delicia-se ao perceber-se tão bela fraqueza
tão poderosa e rara*

esses ensaios
não importam mais
se é que um dia
importaram
acho que chegou a hora
do verdadeiro espetáculo

Bobo.
Claro que importam.
Pra que a gente aconteça.
Pra uns a gente é estrela.
Pra outros. É cometa.

quem está indo
rápido demais
agora?

Só repito.
O que meu instinto.
Está me dizendo.

Na verdade.
O que ele vem dizendo.
Desde aquela manhã.
Na praça.

*ele acha graça
ela o acha
no calafrio
do fio da meada*

ele deve estar certo
digo, seu instinto
eu desisti de lutar contra o meu
mas já aviso: é suave
e mais sonhador do que deveria
acho que por isso
nunca vou ser reta
quina, essas coisas abruptas
sou amante da existência horizontal
da força circular

*ela se livra dos abraços dele
esgrimista de toques e apelos
e então reduz a distância
peruana
e mamba-negra
ele inspira a quimera
neblina escapulida dela*

Já eu sou amante.

Do vento.

do general?

Quem?

nós temos um general
de vento

De qualquer vento.
Contanto que seja livre.

então você é dessas
que acham que o amor
pode ser livre?

Acho que o amor deve.

sem dúvida
para mim o amor deve
mas quero saber
das possibilidades

Possibilidades?
Qual a possibilidade.
De uma utopia?
Me diga. Revolucionário:

De onde vem?
E todo esse medo?

da experiência
das cicatrizes
dos versos do passado...

Mas tudo isso foi.
Antes. Outros tempos.
Outras inverdades.
Numa ditadura de valores.
A primeira algema.
É para o coração.

falo do capitalismo...

Falamos. Meu bem. Nele.
Nosso romance já tem.
Um roteiro
Percebe?
Tudo fora dele é pecado.
O corpo é inviolável.
Mas a alma.
A alma pode ser despedaçada.
Não há cura. Não há cura.
Para alma.

não há cura imediata
mas é o que temos
e o que temos é a sobra
valentina
do que não nos completa
ou tampouco
do que nos mata

Não aqui! Não!
Aqui:
houve a revolução!

a revolução é passado
meu amor
porque só o passado
é utopia
por isso que nostalgia
é a utopia do passado

Mas eu sinto a utopia:
Aqui. Eu sinto-agora.
Está debaixo.
Dos meus pés. E isso.
Pra mim. É suficiente.
Só por enquanto.
Eu quero o céu.
E quero você comigo.
Nele.

a revolução que fizemos
não foi apenas libertária
valentina
foi romântica

E porque o amor. Livre.
Não pode ser romântico?
Há algo mais romântico.
Que a liberdade.
E o amor.
Se beijando?

Ele
olha no brilho
das verdades dela
e vê
algo que ainda não entende
Ela olha no escuro
dos receios dele
e enxerga
um arroio de coragem
perene

deixa eu adivinhar:
você está na comuna oeste

Como você sabe?

lá eles têm o coração mole

já deram mais
vistos permanentes
do que todos os outros
setores juntos

Estou em casa.
Na casa do Senhor Lauro.
E da Senhora Emília.

você é uma moça de sorte

Na verdade.
Sou poeta.
Como você.

quem disse que sou poeta?
são apenas calúnias
calúnias, valentina

Senhor Lauro me contou.

e porque ele contaria
uma barbaridade dessas?

Porque eu perguntei.
Queria saber.
Tinha visto um homem.
Que ficava escrevendo.
Nos cantos da praça.

Ficava escrevendo.
E olhando pra mim.

o mais provável
é que você se decepcione
com esse homem

Acho que discordamos.
De novo.

isso porque
você parece conhecer
tão bem seu mundo
lá de fora
e desconhecer tanto
meu mundo
aqui de dentro

Mas estou gostando.
De desvendar.
Esse seu mundo.

onde estão
minhas vendas?

Todas no coração.

...

Já te disse.

Que você será meu professor?

Me inscrevi no curso.

Literatura. Noturno.

noturno?

De manhã não posso.

Trabalho na comuna.

você será aluna do antônio

não minha aluna

eu dou aula em outro turno

Mas seu nome estava lá.

Eu lembro.

sempre apareço pra ler

uma ou outra poesia

a convite do antônio

ele é ótimo, fica tranquila

é um grande amigo

e o melhor professor que temos

Recita. Pra mim.

Uma poesia.

prefiro o silêncio.

Para com isso!

“somente em meu silêncio
de versos
me basto”

Sua?

o que significa
que agora é sua vez
poeta

*ela passa
então
a arranhar-lhe as virilhas
e a medida que escala
por arrepios
com seus caninos furiosos
e debochados
abocanha a mordiscadas o canto do queixo
e as pontas da longa barba desgrenhada
ele esboça esquivar-se mas oferece
o peito e a jugular como presa resignada
sussurros sem resposta
respiração apressada*

“Plantei. Uma paixão.
No inverno.
Reguei. Não esqueci.
Um só dia.
Colhi. No verão.
Colguei. Num vaso.
Na sombra. Da janela.
Esperei murchar. Cada pétala.
Todo músculo.
Sem seiva.
Escondi entre duas páginas.
Da minha biografia.
No capítulo. Com seu nome.
Dei de presente.
Para outro.”

*ele não para de pensar
e até rezar em silêncio*

“não me deixe desperdiçá-la
assim tão rápido
garota
não me deixe
não me deixe”

*ela serpenteando
veneno lambuzando*

*gotejando
coxas adentro*

realmente...

Realmente o quê?

“quando um coração
arremata outro
no fim
ambos se arrebatam

quando um coração
arrebata outro
no fim
ambos arremetem”

Isso é besteira.
Ou pura falta de coragem.

e de quê adianta
a coragem
diante do amor?
esse amor
que costuma me dar tapas
de mão cheia
valentina
socos de dúvidas

cruzados de direita
bem dados
sabe?
na ponta do queixo
no fundo do peito

Nem todo tapa. É violento.
Você sabe bem disso.
Você mesmo.
Me deu uns tapinhas.
Tímidos.
Aqui.
E aqui.
E depois acariciou.
Diz que não.
Não se lembra?

só se você lembrar
de passar o baseado

Um tapa pode ser.
Uma declaração de amor.
Sabia?
Se dado no momento certo.
Pode ser.
Uma declaração.
De amor.

ele cala-----
-----a
com um beijo
raso de saliva
mas inteiro de promessas
e espera sem se afastar muito
sabendo-se vulto ou escuridão de palavras
até que ela, finalmente, o estapeia a cara]

ELLE
NELA

meu pau palpita na tua boceta
você boceja
minha língua limpa teu desprezo
sabor desejo
minha tristeza entra na tua entranha
manha sacana
meu toque tateia teu peito
arrepio por dentro
meu ego ecoa teu eco meu ego ecoa teu eco meu
incerto berro oco incerto berro oco incerto berro
minha porra lambuza tua garganta
nem puta nem santa
meu beijo suga teu hálito
e os pequenos lábios
meu braço abraça teu ombro
aqui, nosso **escombro**

minha primeira amante
foi minha mão direita

minha segunda amante
foi minha mão esquerda

depois veio
o mégane à trois

talvez o amor seja como o tempo
nada mais que uma invenção humana
e por humana, imperfeita
mas que uma vez inventada
já não pode ser desfeita

enquanto escrevo estes versos, debatemos
eu e uma indecifrável garota negra
cada qual com suas armas
meus sorrisos e poesias
suas carícias, sua coragem ensolarada
nosso campo de batalha
é uma cama empapada de suor
e um presente de futuro esquivo, arredio
a um plano maior e mesmo aos insuspeitos devaneios
que se conjugam a dois
não permite nem ao menos que pensemos sobre eles
e brinda-nos com sua deriva
tão reconfortante se fazemos dela
horizonte
para onde não se ruma nem se rema

apenas se espera
pois sua maré
já basta

debateremos
eu desejando laçar seu coração
com minha artéria aorta
para que seja só minha, exclusiva e infinita
ela, tão liberta, tão feminina, tão linda e segura
que sua liberdade me encanta
tanto quanto me assusta
e por vezes me afasta

falamos sobre meu amor
falamos sobre sua liberdade
sobre a noite em que os dois se conheceram
e se apaixonaram
então adormeceram abraçados
um dentro do outro
e ao abrirem os olhos no século seguinte
viram seu amanhecer erguendo-se, insurgente
sobre seu ontem, sobre
o que foram antes de serem
inseparáveis

nós
deitados sobre o que, juntos, eles nos tornaram

imaginamos um amor livre
que para ela é imprescindível
é inegociável
para mim parece incrível e desejável
belo e proudhoniano

construído coletivamente
através de contratos autônomos
têm no lastro das vontades, os limites
têm as regras do respeito mútuo
a qualquer momento revogáveis
renováveis, revisáveis
por quaisquer das partes: casal, trio, quarteto
afinal, não se pode
nem se deve
quantificar o amor
seja em números primos
seja em amantes pares

mas não pense que isso faz o amor mais simples
mais sincero e intenso, sem dúvidas
talvez, inclusive, mais honesto e verdadeiro
mas de forma alguma mais simples
justamente o contrário
por libertário, é incrivelmente complexo e idiossincrático
claro, toda liberdade traz consigo mais liberdade
estas, por natureza

não apenas testam
mas rompem barreiras
preconceitos, tradições
costumes, inércias e fronteiras
e toda ruptura é dolorosa
por mais indispensável e benéfica que seja
presenteia-nos com novas dores
inéditas, impensáveis, indispensáveis
maravilhosas, porém
preteríveis

feliz será o dia
em que elas por fim nos interpelem
num beco sem saída

mas eu, ao menos eu, não estou certo
e por certo nem errado
por não sentir-me preparado para enfrentá-las
por saber que delas me tornarei escravo

não temo apenas o ciúme ou o apego
contra eles luto e a cada luta
perco, choro e persevero
o que, no fundo, me devasta
é a perspectiva de não sermos nada
mais que sopro espontâneo e breve
tão incapaz de deixar

tão incapaz de herdar
algo que se pretenda, que ao menos se pretenda!
eterno
que seja inconformado
que se faça rebelde e que lute
contra o reinado intransigente da efemeridade
e este algo só poderia ser o amor
só ele é assim tão petulante
só ele tem em sua finitude
todo o infinito necessário
para permanecer como brisa ou flutuação quântica
e morrer disposto a estalar novamente
a qualquer instante
a qualquer deslize cósmico
para simplesmente reviver-nos num beijo tão único
só nosso
e numa explosão singela e atômica

revelar-se a origem primeira, de toda **estrela**
binária

que há no espaço

ELA
NELE

Ancoragem

Ele tocava em mim. Dentro-de-mim.
Eu-tocava-nele. Por inteiro.
Por intermédio. De nossas línguas.
Salivávamos poesias. Um. Na boca. Do outro.
Recitávamos. Palavras sujas.
Que lambiam. A timidez.
Do caminho. Dos desejos.
Queria. Que seu último gemido durasse.
Em meu ouvido. Como serenata. De menino.
Desesperado. Debaixo. Da minha janela.
Aberta. Escancarada.

Ora. Ora. Furioso. E delicado.
Hora selvagem. Hora terno.

Eu me oferecia. E recuava.
Coxas triangulares.
Depois entrelaçadas.
Nas ancas dele-ancoradas. Jogávamos.
Tabuleiro-feito. De cama-desfeita.
E lençóis. Emaranhados. Em nossos pés. Deitados.

Ele vinha-voltada. Eu sorria. Sorria. Sorria.
E sentia meu corpo. Sorrindo.
Ele dizia. Que amar. Uma mulher. Sorrindo.
É o paraíso. De um homem. Apaixonado.

Está. No paraíso? Eu perguntava. Debochada.
Gargalhando.
Ele indo e revindo. Respondia.
Acariciando meu rosto. Pousando dedos.
E apertando. Lambiscando-círculos.
Rodeando.
Meu seio. Esquerdo.
Puxando. Meu cabelo. Afoito. Cavalgando.
Lambendo. Lóbulo e pescoço.
Suspirando. Suando.
E me pedindo.
Desculpas.

Chorando.

Línguas

Uma língua estranha. Desvenda.

A minha.

Debaixo do céu.

Da boca.

Que dizia. E dizia.

Da tormenta passageira.

Feita de palavra nublada.

De trovões e malícias.

Úmida ressentia-se: Chuva.

De saliva. Dodecassílaba.

Com a desbocada voraz.

Das paixões. Infinitivas.

Os lábios mais doces que já beije

Eram virgens. De pimenta.
Vermelha-como-o-batom. Que lambuzei.
Em seu bigode.
Em sua barba. Naveguei.
Por seu riacho. De saliva.
Dois remos.
Duas línguas.
Duas Luas castanhas. Guiando meu peito.
Enquanto pude.
Pois debaixo. De suas pestanas fechadas.
Subia a maré. De minhas lágrimas.
E o jeito. Que mordiscava.
O medo inquietante. Que tinha.
De se apaixonar. Por minha boca.
Apaixonada.

.Plantei. Minha semente. No infinito. Dele.
Para nem ela. Nem ele. Se aterem. Por mim.

Semeadura:

.Plantei. Minha semente. No impossível.
Dele. Para que ela. E ele. Vinguem. Em mim.

ELLE ELES

GENRE

meus versos
são pinhão sapecado na brasa
de grimpa despencada
do alto da araucária
que a cada estalo
entalha-me
enfim
semente
de poesia

teu sangue, seiva de geada fria
paraná
tua alma de madeira forte e carpintaria impossível

VII

[imagino, e ao imaginar temo, que ainda há pouco desta estória encaixando-se em seu entendimento. imagino que por isso, devo começar do **começo**.

imagine que estamos no interior do paraná, às margens do rio varanda, fiapo d'água mais raso que navalha velha, e largo como peixeira, que talha um tanto de terra, cada talho uma fronteira, dentro delas nossa estória, de luta e revolta, de felicidade e tristeza. imagine que há uma ilha e ao redor há um mar feito de pampa, e para qualquer lado que a vista alcança, há montanha baixa, do tipo que nunca ordenhou estrela, tampouco foi ribanceira do céu. imagine que no século passado, tudo isso era um pequeno povoado, paradeiro para colonos cansados, paragem para seus tordilhos alados, encilhados em charretes meteóricas, também para as libélulas migrantes, seus continentes já há muitos mares errantes, e para os infindos olhos de dia nublado, os da desesperança, era tudo, o que teimava em arar o solo, das suas raízes de tempes-

tade. imagine que o sol costuma chegar cedo e ir embora tarde. imagine uma gente humilde marchando para o desconhecido, e levando consigo sua prole inteira. imagine que qualquer herança, aqui, perece, mas que muito em breve se torna pura querência. imagine-os como nossos pioneiros, oriundos dos espinhos mais agrestes, que sonhando com o macio da pétala celeste, da mais bela rosa dos ventos, deram por esses leitos, antigos laços de pronto desfeitos, para que neles pudessem assentar sua roça. imagine também umas tantas aldeias, pequenas e guerreiras, observando-os ao longo dessa caminhada, os passos nos planaltos de mata hora alta, de pinhais, hora rasteira, de chapada, de arco em punho e flecha certa. imagine que esta foi uma simbiose delicada, assinada mais no lastro de sangue do que na cordialidade das palavras, feita de momentos de trégua e anos de guerra, até que todos, enfim, comungaram pelo açoitado da mesma chibata. imagine que uns quantos adinheirados, atentaram para esta mão de obra barata, castigada pela disputa de longa data, acirram os ânimos de índios e colonos, jogando uns contra os outros, e ao montar em ambos com mesmo estribo, a mesma sela, impuseram-lhes a paz pelo cabresto de moedas bárbaras. imagine que no meio do mato uma vila se tornou

bairro, uma fresta de araucárias deitou num clarão, para logo ser entalhada num centurião de casas, alguns edifícios baixos, sobrados, muito ferro, concreto e argamassa. imagine que a gralha perdeu algumas copas, e recebeu em troca novos vizinhos, com cercas amplas entre os prédios de quatro ou cinco andares, e umas tantas indústrias, entre o comércio tímido e imensas propriedades, cúpulas de igrejas, túmulos de saudades. imagine, porém, que para o centro foi reservada a universidade. imagine-a como o mosteiro da elite, um templo indigesto, onde os herdeiros dos adinheirados, estudariam novos métodos para perpetuar seu reinado. imagine, entretanto, que eles preferiram outras mais nobres, alguns foram estudar lá pelas metrópoles do sudeste, ainda que para a maioria calhou intercâmbios na america do norte. imagine, então, que a universidade foi relegada às traças, completamente abandonada, com planos de virar um amontoado de lojas, antes delas, um estacionamento de descarga. imagine, entretanto, que o governo estadual, de partido oposto ao municipal, queria, por bem ou por mal, arrebanhar o voto local, e numa manobra populista e indispensável, tomou posse do prédio, e por decreto, estadualizou a universidade. imagine que por esse imbróglio político, no último concurso público, acabei sele-

cionado, setor de humanas, departamento de letras, mestre em poesia onírica, fui, por fim, repatriado. imagine que também sou cria deste sudoeste, mas minha família mudou-se há muitos anos, fugindo da fome, procurando bicos, um teto, qualquer emprego modesto, mas, de fato, desse tempo, lembro pouco, ainda era moleque novo, me interessava mesmo, pelo final de semana, tomar banho de sanga, nos açudes do rio varanda, bater bola com os amigos no asfalto. imagine que vivi em algumas capitais, sempre levando minha mateira no lombo, aguardando o inverno, ansioso, querendo estalar pinhão, ainda que não na grimpá, mas num fogão a gás, sobre a boca, uma frigideira de yakisoba, ao invés do macarrão, uma, duas, três mãos cheias de semente de araucária. imagine que estudei, me formei, concluí mestrado, me tornei acadêmico, por ofício, também pelo imperativo de um salário. imagine, porém, que poeta, bem, poeta eu já não sei, se me fiz ou nasci feito, não sei se escrevo por não ter escolha, ou se por uma sincera escolha do espírito. imagine, contudo, que minha estória, agora, não vem ao caso, mas de alguma forma, e por motivo evidente, meus versos gaudérios aconchegaram-se no peito dessa gente, disseram que o sudoeste haveria de ser libertário, amadureceram, sol a sol, palma palmo, no solo

que as injustiças, neles, lavraram, e ajudaram, por fim, a acender o levante. imagine que a cidade, em poucas décadas, rompeu a marca dos sessenta mil habitantes, e ainda que mais agrária do que urbana, foi se desenvolvendo, e o desenvolvimento polarizando a desigualdade. imagine que os barões se tornaram políticos, o mesmo aconteceu com seus filhos, e com os filhos dos seus filhos, aconteceu igualmente. imagine que sofrendo com seus desmandos, estavam, além das novas gerações de colonos e índios, muitos outros proletários, como este poeta, professores, profetas, carteiros, estudantes, sonhadores, motoristas, filósofos e outros mais que foram se achegando, se ombreando, conosco, os debaixo. imagine, portanto, que por sobrevivência, e por dignidade, se fez impreterível um embate, ou qualquer forma eficiente de defender direitos, de se escavar, com a fúria de um punho cerrado, igualdade, de distribuir renda, de resistir à ganância irresistível, aquela dos covardes. imagine que os sindicatos, rápida e necessariamente, se formaram, e formados, foram se organizando, organizados, agremiando muitos, juntos, criaram uma agenda, a agenda era de protestos, os protestos culminaram em greves, as greves passaram a construir um hábito, esse hábito se tornou rebelde, um rebelde se ergue no coração

do povo. imagine que movimentos sociais se multiplicaram, organizações de bairro se fortaleceram, estudantes se aproximaram, e todos, indistigíveis e associados, mobilizaram o avanço das massas pobres, da salva de excluídos, da nova e imensa massa proletária, de nosso proletariado novo, de um tempo moço, no rumo dos novos dias. imagine que o processo foi a tal ponto conturbado, que eu diria inenarrável, mas confesso que aqui o simplifico, pelo simples pretérito, de alguns efeitos tolos, para velhos eméritos poéticos. imagine que mesmo aos mais incrédulos, os resultados foram se insinuando, reformistas, é claro, uma escola, uma desapropriação de terra, de prédios, um leve aumento de salário. imagine, no entanto, que o ganho mais relevante foi o entrelaçar dos laços, entre as organizações, mas principalmente, entre as pessoas que delas participavam. imagine, por exemplo, seu lauro, cinquenta e três anos, um homem simples do campo, que resolveu gritar seus monstros, sem imaginar que muitos outros, ao seu lado, gritavam. imagine que nas reuniões dos camponeses descia do baio, e logo subia o palanque sob aplausos, sua sinceridade esbravejada arregimentou respeito, e os fatos o tornaram um bravo guerreiro, herói da comuna oeste. imagine que o mesmo aconteceu em toda parte, no sindicato

dos professores, meu compadre antônio, marxista heterodoxo, amante de uma rosa branca num luxemburgo distante, de émile henry, com sua eloquência, falava da sociedade futura de voline nos palanques improvisados, eu, anarquista de tudo, costumava encerrar seus discursos, com poesias tão explosivas quanto um galão de molotov. imagine os estudantes, secundaristas e universitários, unindo os diretórios acadêmicos para solidificar a base. imagine dona teresinha, que junto à jovem lina, inflamou as costureiras do bairro alto, e logo mulheres de todos os lados, se reuniam para marcar posição firme, reivindicar pautas específicas, políticas de gênero, voz, respeito à diversidade. imagine que pressentíamos, todos, a revolução se aproximando, avançando no território do possível, tomando o terreno do provável, nos tocando os sentidos, nos soçobrando nos ouvidos, planos, velhas canções de novas liberdades. imagine que nem assim, os barões se sentiram ameaçados, eles tinham o dinheiro, em suas mãos estava o rumo dos empregos, tinham o poder, inclusive representantes no senado, restava tudo sob controle, e aparte as greves constantes, os lucros seguiam somando e somando. imagine, no entanto, este país em junho de dois mil e treze, as ruas das capitais em polvorosa de gentes, ardendo

seu fogo patriótico, tão amarelo quanto verde. imagine que aqui foi um pouco diferente, as bandeiras tremulavam outras cores, eram de um rubro-negro incandescente, que lambeu cada esquina e incendiou-nos a todos, até interpelar-nos fatalmente: ou a morte, ou a utopia, nem um passo atrás, a revolução vem após nosso trato de levante. imagine-nos persistentes, disparando ódio da trincheira dos explorados, mirando nosso asco no sorriso dos exploradores, cujos dentes não passam de caninos e trituradores. imagine-os, agora, ensanguentados. imagine que nós não amamos o ódio, sequer aquele que pela história, é o mais justificável, mas tampouco nos furtamos de reportarmos a ele, quando assim se fez necessário.

imagino que agora, possamos dar mais um passo]

é preciso apegar-se à mão de um amigo
a qualquer sinal coletivo de gratidão
a qualquer minúscula evidência empírica
de solidariedade
às raras empatias capazes
de comungar os homens e as mulheres
é preciso apegar-se às flores e às frutas maduras
e à manga rosa que é as duas

faça outubro ou faça verão

não há outro jeito, compadre
comadre, de algum jeito
a insanidade se apossou da razão
e tudo começou quando vendemos o último naco
de nossa dignidade
por um prato de arroz e feijão

quem consegue esquecer desse dia?
os olhos abrindo-se fatalmente após uma noite
de tormenta fria

ainda assim desejando retornar a ela
e matar os sonhos de hipotermia
como esquecer a maré cheia e súbita
ao abrir as duas densas cortinas?
uma de couro e outra de insolência intempestiva
e deixar que a luz inunde as ideias
e da nascente dos olhos verta
a garoa antes seca
de realidades fundas
tão logo trovoem-se os cílios
e do atrito, a fagulha
faz brotar a manhã depois da manhã
numa ressaca de amanhecer
trazendo de volta tanto ontem
trazendo um hoje pra tanto talvez

é preciso acreditar na petulância do adolescente
é preciso acreditar na coragem
do sorriso esperançoso de um velho trabalhador
capaz de vencer as memórias
e o cansaço de viver delas
e nelas restar-se um pouco maior
desgarrar-se da brevidade da existência, arrancar-se
das próprias raízes
já abraçadas à morte
para dedicar à vida uma homenagem de quem
caso pudesse

jamais a esqueceria, jamais
a deixaria à míngua
e a ela voltaria
quantas vezes ela quisesse

é preciso creditar o amanhã
aos que ontem acreditaram
é preciso creditar o ontem
aos que acreditaram no amanhã
mas também é preciso creditar a fé
ao presente
mesmo estando ele
mais desacreditado do que a gente

ELA ELAS

ENTRE

VIII - Ele. Eu.

[Eu sei. Das duas:
A que revoluciona classes. A que.
Revoluciona pessoas. Aquela.
Que irrompe em armas.
Aquela que irrompe na alma. A que.
Ama: A que mata.

Qual se permite ser. Revolucionária e revolucionada?

Utopia: Bakunin. Kropotkin. Emma e Malatesta.
Utopia: Neruda. Darwish. Craveirinha e Cecília.

Ele. Eu.

Passeávamos. Pelas bordas. Do Quilombo:
Tarde quente. Em pleno inverno. Aproveitávamos o Sol.
Lagartos-na-grama. Rabo de cachecol.

Ele gostava. De me mostrar os cantos. Que mais gostava.
Eu gostava. De conhecê-lo. Pelos cantos. Desconhecidos.
Caminhávamos. Ao longo. Do Rio Varanda.

Ele falava das cancelas: Pequenos bolsões.
Escavados na terra. Agora monumentos. Onde.
Antes. Foram fronte. Na revolução-armada.

Apontou: Uma trincheira. Tombada: Patrimônio recente.
Tinha uma placa: Levava o nome de um homem.
Para. Pede que eu pare. E escute. Que escute atenta.
Engasga.
Mas limpa a garganta. Respira-fundo. Tenta.
Tenta de novo. Então-fala:

“nos tempos de insurreição, eu não ia dar aula
a universidade estava em greve, fechada
iria se fossem dias quaisquer, em qualquer dia
mas naquelas semanas
toda noite eu colgava a pistola no coldre
e na mão carregava a espingarda, carregada
costumava render o brad, nosso fotógrafo de guerra
nos tornamos bons amigos
de incertezas e silvos
que nos pregavam sustos sem hora marcada
nos raspavam a pele e rasgavam as roupas
por vezes deixaram cicatrizes
nas costuras da alma
ele me recebia com duas cuias de chimarrão quente
e aquele seu sorriso valente
que sempre me tirava o cansaço das costas

cinco de nós, soldados da trincheira norte
foram mortos na primeira semana de resistência
por paramilitares de lentes bem treinadas
e certamente bem pagas
de noite, o perigo não tem cara, mas tem fome
eu lembro: os cachorros, os grilos, os gatos e as gralhas
gritaram
mas não há o que vença a velocidade de morte
da estupidez de uma bala
que chega de repente e leva tudo
inclusive a certeza de que voltará do nada
quatro dias antes do levante final
um silvo escondido no matagal, se vestiu de metal
e voou
o encontrei, aqui, silvo calado dentro do peito de brad
recostado no barranco, imóvel
as pegadas cambaleantes
um úmido rubro marcando a terra
poderia ter sido eu, deveria ter sido
a câmera ainda estava ligada, filmando
a lente focando e desfocando as folhas
o ar indo embora, a mansidão da brisa, onde se afoga
a brevidade inimaginável durando, durando
a consciência ainda desperta, ciente do que deixa
também do vazio que a espera
sentindo a vida rareando
um arroio vermelho, margeando-se de pólvora

um córrego amargo, eu chorei
pois era tudo que eu podia
e chovi
porque era tudo que restava
por isso, valentina, esse fronte, essa trincheira
leva seu nome:
ao companheiro brad will, hoje e eternamente
isso é a revolução
aquilo pelo qual as pessoas são capazes de dar a vida”.

E quem não daria a vida. Por um amor de verdade?
Respondo. Quase:

Ele me beija. Desvio. Respira fundo. Me beija: Beijo.
Sorri: Sorrio.
Sua mirada-se-perde. De vista. Dentro da minha.
Me abraça. E então a encontro. Em meus sonhos.
Capturada.

Caminhamos-na. Relva-nos. Escondemos.
Atrás de um monte. Tudo está calmo.
Ele enlaça os braços. Delicadamente.
Não me prende. Me conforta.
Acaricia minhas costas. Desliza as alças.
De meu vestido.
Pelos ombros.
O tecido. Amontoa-se. Ao redor. De meus calcanhares.

Dá três passos para trás. Mais que me olha:
Me reparte em olhares.
Suspira. Molha os lábios. Espera.
Caminho. Até ele.

Amamos.

Costumo o ver. Toda tarde.
Passeamos. Caminhando sem pressa.
Mãos-dadas. Braços-engatados.
Ou lemos. Ele lê. Agora.
“O Colecionador de Pedras.” Sérgio Vaz.
Eu. “Coração Disparado.” Adélia Prado.
Lemos. Lado a lado. Ou escutamos vinis. Antigos.
Cartola. Chico. Chicho Sánchez. Mutantes. Clara.
Tomamos café. Na casa do Senhor Oswaldo.
Ou no Bar do Zé. Cerveja. Ou Chimarrão. Na varanda.
Durmo com ele. Muitas noites.
Ele está mim. Indefinidamente.

Contou dos meus versos. Para o Antônio.
Mostrou a ele. Algumas linhas-minhas. Contou.
De nós dois. Só um pouquinho.
Na classe. Somos dezessete. Alunos da cidade.
Há até um estrangeiro. Intercambista:
Versos enlaminados. Em aço. Jovem e francês.
A cara do Prévert. Inclusive o cigarro.

No lado. Ancorado. Novelistas de esquinas.
Colhedor de floradas: Aflora as tempestades:
Viajante. Disse. Jura ter jurado. Jura ter dito.
Também escutar fundo. E extremo. Excessivo:
O Uivo. O uivo de futuro. Ele disse. Ele jura:
Escuta. Como eu escutava.
Eu disse que meu uivo. Sempre foi: Lobo.
Ele disse que o dele. Ainda é: A Lua.
E disse que logo vem. Eu disse que logo vem.
Logo vem a madrugada.

Eu gosto das aulas.
Porque Antônio não gosta. Das paredes:
Gosta da liberdade. Quando o clima permite.
Vamos para a praça. Quando não. Para a cafeteria.
Para biblioteca. Ou até pra sua casa.
Ele tem um quintal. Espaçoso. Cheio de árvores.
Com frutas. Com flores. A gente se espalha.
Em espécies. De círculos.
Ou zigue-zagues-de-círculos.

Antônio: Vinte invernos. Dez primaveras.
Doze exílios. Vive agora. Sua segunda imensidão.
Romancista consagrado. Ganhou prêmios.
Vendeu milhares. Diz que. Pra falar a verdade.
Não dá bola.
Barba feita. Cabelo curto: Escovado: Sapatos.

Sempre usa ternos. De cores foscas.
E camisa. Com estampa. Pra descontrair:
De quebra. Quebrar o verso. Em dois passos.
De dança.

É bonito. Elegante. É Eloquente. Quando fala.
Parece estar discursando. Ou escrevendo exclamações.
Com a boca.

Diz que é apaixonado. Pelos poetas franceses.
Mas prefere Péric. Em prosa. Se pudesse.
Seria o terceiro ângulo do triângulo:
Casaria com Valéry. E Rimbaud.
E não apenas com suas obras.
Só lê Baudelaire. Se todos nós. Tivermos um copo.
De vinho. Cheio. Numa mão. E outro vazio.
Na cabeça.

Após as aulas janto. Com Antônio. E Lina.
Ao menos duas vezes por semana.
Ele vem. Quando não está imerso. Em seus poemas.
Quando não desaparece. Nas estrofes.

Lina é ruiva.
Bochechas com sardas. Cada vez mais esparsas.
Ao se espalharem pelo rosto.
Cabelos longos. Pernas longas. Seios fartos.

Maquiagem. Um pouco carregada.
Batom vermelho plasma.
Voz urgente. Movimentos rápidos. Enquanto fala.
Trabalha numa fábrica. Auto-gerida. No distrito leste.
Antes. Diz ela. Era costureira. Trabalhava:
Dez-onze-doze-horas. Por dia.
Ganhava quase nada.
Agora produzem roupas. Sob demanda.
Pensam estilos. Investigam a moda.
Também as necessidades. E gostos. Do povo.
Pois é para o povo. Que trabalham.
Agora. Um pouco trabalhadoras. Outro pouco artistas.
Balbucia-tímida. Mas-determinada.

Me prometeu um vestido. Levantou.
Analisou meu corpo. Pediu que eu levantasse.
Tirou minhas medidas. Com a palma.
Um aperto leve. De vez em quando. Eu sorria.
Encabulada. Mas gostava. Gostava.

Nesta noite: Luz de velas.
Preparamos vegetais. Na manteiga. Ele não veio.
Aproveito as fontes próximas. Para investigá-lo:
Investir pelos retalhos. Do passado.
Explico. Da revolução dele. A colocó.
Em perspectiva. Com a minha.
Bebo as dúvidas. Em duas taças. Quatro goles.

Pergunto: estou louca?

“Apenas apaixonada.” Desdenha carinhosamente.

Antônio: “A paixão é uma espécie de loucura.

Todos desejam. O que por si só já é uma loucura”.

Então-relaxa. Mas: Lina sorve:

Uma longa poça de vinho. Se aproxima.

Toca meu rosto. Acaricia meu queixo.

Eu só...

Indecisa. Entreolha. Antônio desconversa.

Mas persisto. Preciso.

Lina: “Estamos juntos há sete anos.

Há cinco, sua utopia foi o amor que escolhemos,
Valentina”.

É tudo que ela pode. E desdiz. Não fala.

Fala: Shhhiii. Shhhiii. Calma. Existem coisas.

Que devem ser reveladas: Apenas. Pelo toque.

Outras pelo cheiro.

“Para as palavras deixamos aquelas
que não interessam aos seres de carne.”

Antônio pede. Bastante bêbado.

Que eu alcance outra garrafa.

Camembert. Abrimos. Enchemos. Taças.

Esvaziamos. Enchemos. De novo.

Lina acende. Um cigarro. De corda.

Sentamos. No sofá. Ela me olha. Olho: ela.
Peço um trago. Da fumaça.
Ela enrola outro cigarro. E o pausa. Em meu joelho.
Segurando-o. Entre os dedos. Como pilastra.
Com polegar. Acaricia. Minha coxa: Redemoinho.
Bebe outro gole. A mão segue. Onde estava.
Puxo o cigarro. Ainda preso. Nas suas juntas.
Presilia de ossos. E um convite. Relá.
Na pele.
Acendo. Meu cigarro. Na ponta. Da brasa.
Do cigarro dela.
Ele ainda estava. Entre seus lábios.
Batom vermelho. A primeira tragada.
Repouso minha mão. Sobre a mão dela.

Lembro que Antônio. Está. Na sala: Viro. Preocupada.

Antônio olha. Absorto. Devagar. Levanta.
Lina levanta. Meu vestido. Uns centimentros. Mais.
Para cima.

“Existem questões maiores em jogo, Valentina.”
Antônio sai. Fecha a porta.
Nos deixa.

A Sós.]

Sim e Não

O amor sim. Eles não.

...

O amor neles. Tesão.

O amor deles. Senão.

O amor reles. Paixão.

A UTOPIA DELE

há quem germine da boca de shiva
qual imperfeita semente
tão divergente da minha
tão divina
que no berço de língua se faz verbo
da palavra ceifada de futuro
e só
colhe eternidade

eu sou uma constelação inteira
carne de poeira de uma anã vermelha e negra
que me envolveu
de pele e saudade

sinto que meus olhos são o que restou
do primeiro segundo de ferro
há pouco fusão de hidrogênio e hélio
pisca agora a explosão da vida
na gravidade egoísta
das minhas duas cefeidas castanhas

amanheci na primavera das estrelas
que do fogo forja a primeira epifania do cosmos
a consciência
é primata pois também somos
poesia

logo tudo será frio no maior dos invernos
os astros estarão velhos, cansados
da pirotecnia intempestiva
da juventude cósmica
descansarão no balanço das flutuações quânticas
até uma nova improbabilidade
estalar

qual o tamanho da nossa pequenez?

só sei que giramos juntos e velozes
ao redor de uma bola de fogo
que após o primeiro grande outono
nos arderá

sequer a beleza e a gravidade
do suspiro de esperança e de maldade
que eleva o tempo e toda humanidade
ao colapso impressionante da epistemologia de tudo

resistirá

às palavras raras
em meio ao vácuo mudo

raras

em meio ao vácuo mudo

o erro da vida foi superestimar-nos
macacos territorialistas e hierárquicos

num mundo canino cheiraria seu rabo
lamberia meus bagos
e em matilha iria trotando
com minha maleta de couro de gato
entre os dentes
para mais um dia de trabalho

abro uma garrafa de rubras dúvidas
e enquanto despejo um quarto
de seu líquido vício
estranho o colorido tingido de tinto
mas bebo-as com o capricho
de um admirador
“é tanta coisa prum solitário agora”,
penso
“e um despropositado depois”

em cima da mesa a taça já vazia
de um longo gole
na superfície nascem virgens
as circunferências concêntricas
antes de refletirem o lampejo trôpego
do jovem primata
refestelado sobre a existência pós-moderna
e suas questões inéditas:

a dialética do átomo
a primeira insurreição
no território da utopia
o charme da coincidência
e a sincronicidade dos encontros
somos mais humanos ou mais terráqueos
e até quando

o delírio talvez não seja
exclusividade nossa
porém, até o momento
eis aqui os únicos capazes
de elevá-lo às margens do possível
e na arte das possibilidades
desafio qualquer outro
neste latifúndio de galáxias
ou para além do feudo de estrelas
a ombrear nossas façanhas

o caleidoscópio mirador de infinitudes

são seus sonhos, jovens
nos seus olhos, primatas

antes de mais nada, eu, primata
devo lembrar-me e ter cuidado:
sonhos são coisa cara
e nasci pobre

constelado

pelos que valeram a pena
me refiro aos vivos de outrora
aos de agora e aos que entardeceram
por todos paguei em desesperadas décadas
ao longo de empréstimos de terceiros cujo o ônus
arqueei com juros, sobre juros, ao preço carnal
da dignidade, também da imprescindibilidade
de uma alma estoica, que mesmo dilacerada
entre os caninos assassinos
do capitalismo
ainda esboçava inspiradores espasmos
de esperança
l i
b e r
t á
r i a

a noite convalescia-se dia
quando tive pelo ocaso
algum começo
reconheço-o aqui, pois desejo
revelar-me na rebelião
que me salvou de mim
o póstumo sonho
sem ódio ou vontade
de voltar

a envelhecer pelo que me arrependi
amortecer as memórias até a realidade
tornar-se apenas este fato insustentável

para suportá-lo no lombo
durante toda minha finitude
fiz de leminski meu maquiavel
quando o príncipe enforcou catatau
na praça em frente à catedral
onde rezava a puta
o proletário e o tal anarquista
que rifava minhas poesias
para as ilhas de hytlodeo

o silêncio que me guia
para fado das ilhas
de minha ventura utópica
está berrando
titânico e enraivecido
pelo retorno que fiz
ante a **encruzilhada intangível**
no meio da estrada onde encontra sentido

tudo aquilo que não sei
sequer se um dia entenderei
mas sei que hoje não entendo

minha sede é da gota d'água que deixa o copo cheio

uma gota d'água corre seu riacho solitário
pelo vale entre seus seios
minha íngreme valentina
espalha-se na vastidão negra
da planície de tua barriga
e então enche e vence e extravasa
a barragem redemoinhante do umbigo
ganha velocidade no delta de floresta baixa
que margeia o precipício
da tua boceta
a morna cachoeira que banha meu amor
afaga teu ardor e a cada entardecer
faz meu gozo de prazer
ser
a queda menor
de tua correnteza

IX

[persiste a dureza na poesia da rotina
resiste a poética da dureza rotineira
durando o que um dia duraria caso nos fosse dado

lançado
no tabuleiro
de meias existências
tidas como
idas e vindas
inteiras

mas não há presente que dure
por mais duro que seja
sem a inspiração do futuro
ainda que nos espere somente dor e tristeza

a chuva só deslizará de novo
se o sol carregar nos ombros
outra vez seu rescaldo
e despedir-se das águas quando a noite caia

para que seja delas
a saudade
e para que chorem em relâmpagos e lavrem
o pranto das nuvens sobre a terra dos homens

esta é nossa natureza
simbiótica e cíclica
que com uma pitada de tempo: mágico tempero
inventado
pelos seres
humanos

transforma teus olhos castanhos
em pó
ódio em passado
mas nós também passamos
passando porém a entender
e no entanto jamais a conformar-nos
que somos tão inconformados quanto transitórios
sopro imemorável num temporal de ventos
essa essência inegociável de ser
em última instância
apenas esquecimento
nos impõem a necessidade de um sentido
e assim nos tornamos
para não nos tornarmos loucos
a espécie dos mais talentosos
alquimistas de propósitos

quem, além de nós, precisa de tantos?
quem de nós conseguiria viver
ou sequer meramente existir
sem ao menos um único? ínfimo?
buscamos-lo nos livros, nos filhos
na lógica e na metafísica
na fé e na mística investida pelos labirintos do intelecto
e do espírito
em antidepressivos, no álcool e no suicídio
desistimos

hoje o encontrei pela manhã, logo cedo
após o banho que tomamos juntos, valentina
estava debaixo dos teus cachos úmidos
disfarçando-se de gota d'água
que pelo teu corpo
escorria
e me hipnotizava

nós, neste quilombo, insistimos na utopia
essa velha amante do sonho
inalcançável
bela e impreterível característica
que a faz caminho
e por caminho
propósito perfeito

ela não tem modelo nem dono
nem mestre
tem unicamente possibilidades
não é dada a verdades
ou agoras ou pra sempre
sua partícula fundamental é o horizonte
onde se mira e para onde se ruma
pela espontânea marcha das vontades

admiro-te assim tão admirada a cada assembleia
valentina, na de ontem estava tímida
na de hoje animada
na de amanhã segredou-me que pedirá a palavra
e assim vai anotando nossas deliberações burocráticas
em letras miúdas
poetizando nossas reuniões tão intermináveis
quanto imprescindíveis
em seu bloquinho avermelhado cuja capa
leva um desenho pálido
da famosa foto de guevara

como pode perceber, meu bem
divergimos um bom tanto dele
ainda que o tomemos como um valente camarada
neste quilombo nos associamos livremente
ninguém aqui é comandante nem comandado

somos federalistas e os contratos que nos regem
não apenas podem ser revogados
como devem ser revisados
a qualquer hora
não temos exército
mas o povo em armas

sequer damos ouvidos a ordens de quem quer que seja
amigo, cachorro, papa, presidente, águia ou fantasma
respeitamos apenas aquelas acordadas
no amanhecer
das consciências libertas

tampouco disputamos o poder
estapeando-nos uns aos outros
porém, como o pão e como a terra
pronto rompeu a insurgência
o repartimos e compartilhamos igualmente
entre os nossos

eu, particularmente, o temo
entendo-o como uma enfermidade embrutecedora
capaz de transformar em monstros
ou ensombrar a história
daqueles que outrora
eram solidários companheiros e companheiras:

uma federica montseny crucificada basta
basta

não há neste mundo um único ser
que pelo poder não se corrompa
mesmo que lhe doa a alma
até que ela enfim lhe corte a carne
este ainda é, sem dúvida, o erro maior de marx
não existe ditadura que seja justa
não existe vista que não se torne turva
quando se permite olhar por cima de seus pares

mas você, valentina, colocou seus pés sobre meus pés
flutuou calcanhares
para me olhar frente a frente
e me roubar o ar e silenciar minhas dez mil vozes
e me tocar a face
com seu vento, soçobrando
sussurrando que me ama
muito, e desesperadamente
cala
e num segundo beija-me com raiva
morde meu lábio e o rasga
com a língua, destemida
lambe o sangue e repete
que ainda não me entende, que precisa saber da noite

em que o céu vestiu-se de balaclava
e lançou suas gotas ruivas
numa tempestade
inédita
de molotovs]

--o futuro segura uma coca-cola t m v v
 -----cheia de ódio na mão o m l t o
 -----acende com o rescaldo v t o m
 -----do presente o l o t o l m
 -----o vulcão de asas m o l v
 -----incandescentes l v m o t v t
 -lança a necessária erupção l o t o v l m
 -----num voo breve o m l t l v o
 -----e impertinente m v l v
 -----contra o batalhão v l m o t o l

das flores de magón
a rubro-negra é zapata
revolucionária mariposa que por duas flolescências
bateu suas pétalas
e voou por todo o norte da américa
até desabrochar no alto de chiapas

com o tordilho de durruti cavalgou a liberdade
pelas planícies da andaluzia
e as barricadas de barcelona
até que o disparo de novembro
atrás de uma trincheira traidora
rompeu a mais brava de todas as colunas

inverno branco frente ao outono vermelho
mas a bandeira que tremulava sem medo
era de um soviete livre na primavera negra
ao leste da ucrânia de makhno

E 1NDYMEDIA S26(2000) N9-13(2001)S11
Z 9 GÊNOVA(2001) GUILIANI (2000) AM16
L 9(1999)J18 (2001)A20(2002) BRADWILL
N 4(2002) AÇÃOGLOBALDELOS PUEBLOS

- - - - - um cortejo de **caramujos**
insurrectos marcha-a cidade rui e seus ruídos se
fundem-uivo de aço cinza-me escuta-cortejando
as estrelas numa serenata anárquica-noite após
noite-junto à finitude cósmica-ouça-um verso mais
alto-é do tom dos passos da lua-ouça-sua farta
luz roubada-ladra solitária e cadela nua-numa-
ciranda de rodopio rasante atrás de seu rabo de
sol-acima dos passos distantes-até pouco-eram só
passantes-marcham agora num ritmo de metal-
cortante-caramujo insurrecto-na concha carrega
o peso do sonho-livre subiria leve-no vento que
lufa-as esperanças mornas-juntas seriam nuvem-
choveria ácida e real-esse é o destino do sonho-
utopia é o maior temporal-os caramujos debaixo
dele-guardam-na em caracol - - - - -

(2011)TOMALA BOLSA GRIGOROPOULO 2 A
ESTUDIANTAZOGREEKRIOTS(2008) 15M 0 P
WEARETHE 99% OCCUPYW ALL STREET 0 P
REY KJAVÍK (2008) PRIMAVERA ÁRABE 6 O

eternos.tempos.estranhos.
para.a.espécie.que.estranha.as.próprias.entranhas
ignora os fluidos e os hormônios
e ostenta-os em hóstias de fê
me diga, seu filho da puta: o que que é? o que que é?

emputeça a alma
emprenhando ideias
fodendo dogmas
gozando liberdades
esporrando futuro
no útero orgástico
da esperança
emma:

essa é a nossa dança!

que sua
que nossa
que fede
que pulsa
que caga
que chora
que mija
que nasce
e que morre
e apodrece

prece por prece
o humano ontológico humano
num humano inverso-inverso humano
hipnotizado por seu reflexo de oposto ilimitado
pouco exato posto que imperfeito reflexo inverso
=
o esperma que te arde pelo canto dessa boca louca
minha puta tola
ainda é gozo
para enganar o impulso maroto
que muito escroto
me fodeu

pois ando matutando um tanto
e por pura sorte
uma pulsão de morte
me pegou
no vão de um torpe pensamento
o ensejo
alma vadia e avacalhada
de onde vim e pra onde vou

emputeça a alma!
desmame dessa santinha escravocrata
escrava intolerante
pois tolerada
metafísica dívida e recalçada

traga
sua alma puta
para viver nessa zona

ordene a existência no pau duro da vida
paudurecência libertina
putinha libertária

do sindicato de egoístas
reivindico o que me faz incansavelmente grato
e fodido

a singularidade ideológica
que mesmo em toda sua incorruptível
incompreensão e densidade

ignora a censura cósmica
e despe-se
para um revolucionário horizonte de eventos:

X

[na madrugada do **levante**
o céu cobriu desde a sua
até o nosso fronte
com uma balaclava de névoa negra
por onde se escapava, às singelas
seu olho de lua cheia
a solitária retina de cratera
refletia
a vindoura benção do sol
qual farol anunciando a aurora:
para cima os que lutam
com os debaixo
no aqui
e no agora!

encilhado sobre o céu
um enxame de estrelas cadentes relampejava
vaga-lumes procurando o caminho de casa
e encontrando-o em nosso coração quilombola

nas sombras desenhadas
pelas copas das
araucárias
nas pedras, na grama e na terra diante da praça
se dava a assembleia definitiva:
instância máxima deliberativa
dos seres
horizontais

cuias de mate circulavam entre as mãos
seu ronco molhado
pontuava as frases dos
interlocutores
a erva velha e úmida nutria o solo
do canteiro das flores
e para matar a fome, havia bacias cheias de pinhão

havia microfones e caixas de som por todos os lados
havia assopros gelados sussurrando-nos sonetos
ao pé do ouvido
e a inspiradora indiferença das crianças que
jogavam bola no asfalto
e não nos viam
e se nos viam
nos ignoravam

mas eu ouvia o crepitar das juntas dos mais afoitos
os dedos estalando seus nervos de ossos

a respiração movediça
capturando a impaciência do ar
os sapatos batucando ritmos marciais
eu via o vapor do inverno, subindo e desaparecendo
entre o cochicho das bocas, se perdendo
em ruído e se encontrando
na foz de um pingo de orvalho
eu também sofria com a impotência da lã
das tocas, luvas e cachecóis
perante a frieza aguda da ansiedade
e pressentia o silêncio aguardando à espreita
a hora certa de entrar em cena
e berrar-se

nos meses que antecederam aquela noite
havia um quê de soviète
havia um tanto de guillaume e um pouco de malatesta
poderia ser a catalunha de durruti, poderia
crescer como a appo de oaxaca, ou outra
gulyai-polye poderia insurgir um século mais tarde
destemida como kronstad, poderia

mas não era!
era, enfim, o nosso quilombo!
içando as velas dos calcanhares!
marinheiros do rio varanda!

os piratas diplomados
a bordo de suas dúvidas e maremotos

prescindiam de citar exemplos como estes
durante os debates
afinal, não pretendíamos cometer os mesmos erros
e deles perecer como eles pereceram
tínhamos, no entanto
a imposição precipitada pelo presente
e a precipitação impositiva de outras vezes
que repercutiam firmemente nossas próprias vozes
de ir adiante
e fazer coro com o rouco do meu coração
com o grito educado de seu zé
o chocalho do pajé caigangue
a oração da dona maria, as partituras
do compadre que vendia bugigangas na esquina
e os cochichos cortando a frente na fila da padaria
juntos, numa surpreendente dodecafonia
elencamos, discutimos, dos fins, os princípios
os métodos
as estratégias
pavimentamos os rumos
que norteariam nossa ação
como se escrevêssemos a um só punho
aquela poética receita de pão:

o pão do povo
o pão da justiça
o pão proletário de bretcht, o pão

conquistado por kropotkin e amassado
por nossas mãos, pão cuja casca triscante
quebrantava-se
a cada fatia rasgada
pela angústia de nossas unhas afiadas
pela afiançada lâmina dessa estória
ansiávamos ter o miolo partilhado, angustiosos
que alimentasse
as linhas de frente
e as linhas das estrofes
das trincheiras onde caíam nossos mortos
da carta que regularia as diretrizes
a pedra angular do levante:
a confederação federalista do sudoeste!

estas iniciais foram fruto de trabalho árduo
sua árvore, era uma árvore em chamas
desde que as reuniões se tornaram frequentes
espelharam-se nos menores detalhes
de nossas existências
e de nossas rotinas, gestos reflexos das sombras
irrefletidas
estalaram após o inesquecível
junho de dois mil e treze
que dentro de nossas fronteiras jamais arrefeceu-se
nem sequer com a deposição do prefeito
nem ao menos com a cassação

de um terço da câmara de vereadores
não existia promessa ou reforma que desse jeito
e então nos demos conta da precisão urgente
de organização, disciplina e comprometimento
já não eramos mais meramente manifestantes
mas engenheiros dos sonhos
que exigíamos nos gritos que antes
ecoaram no país inteiro

numa curva fechada de algum ponto no tempo
pequenos panfletos começaram a voar
asas de mão, penas de pelo
convocações convidando para conversas
concomitantes
aos convites convocando encontros
comunais
a ideia germinal era bastante simples:
assembleias populares divididas por bairros e setores
também por cooperativas de produtores
e consumidores
mas não é pela simplicidade
que deixaremos de dar crédito aos autores
a pequena falange
que mudou nossa história para sempre
não era feita de teóricos, filósofos, sindicalistas
sociólogos ou professores
nem mesmo de poetas como eu

eram, antes de mais nada
um bando de moleques ainda adolescentes
para ser exato, eram cinco deles:
pedro, polaco, rafinha, bugil
e o conrado, que por ser o irmão mais novo de lina
era o que eu melhor conhecia
costumava passar em minha casa
emprestar romances que jamais devolvia
mas voltava com citações na ponta da língua
catapultava-as
em perdigotos esbravejantes
que davam rasantes sobre minhas hipocrisias
mantínhamos acesa uma brasa
e um vinil enraivecido, revoltando
seu sex pistols vociferando refrões repetitivos
ou minhas melodias do victor jara

assim como conrado, rafinha e polaco eram punks
pedro e bugil negavam qualquer rótulo
alguns tinham um A tatuado no ombro
além de muitas outras tatuagens pelo corpo
e todos emperiquitavam-se com moicanos
de canário raivoso
uma felicidade de álcool barato, e de baseado
de pontas emboloradas, marca páginas
das obras-primas
de sociólogos encruzilhados

e filósofos da meia-noite
os liam e discutiam as passagens aos berros
enquanto bebiam e fumavam
nos intervalos em que a clientela
não se detinha, ressabiada
diante do pano cheio de penduricalhos
onde estava exposta sua arte
seu artesanato

conhecidos das ruas
eram filhos de operários e costureiras
moravam nas favelas que costeavam o bairro alto
estudavam no turno matutino
na escola municipal do centro
durante a tarde caminhavam a esmo
expondo seu trabalho
de fato, precisavam ajudar nas contas de casa
comprar algumas cervejas geladas e vinho
de cinco litros, uns gramas de maconha
umas respostas rasas e estórias áridas
ressentidas de sol
apenas o polaco era burguês
neto de um fazendeiro que plantava soja e criava gado
e que dizia que já o havia deserdado
mas toda noite o recebia com afagos
com os beijos e abraços
os milhões de porquês

eram piás simpáticos e respeitosos
ainda que bastante desordeiros
e mesmo que poucos lograssem mapear o sentido
de tamanha rebeldia
a luz se fez dia quando os viram acudindo
a todos os protestos, levavam
bandeiras rubro-negras
e bandanas cobrindo o rosto
na mochila uma sacola com frutas e uns trapos
embebidos em vinagre, costumavam marchar
em meio ao bloco da terceira idade
gostavam de ver o rosto das beatas enrubescer
com suas palavras de ordem
pornográficas e ofensivas
mas quando as manifestações
se tornaram frequentes, e sua frequência
se tornou audível
velhos e moços pavimentaram uma amizade
e passaram a conhecer-se pelo nome
sobrenome e apelido
quando não estavam misturados e distribuídos
pelas campanas da noite
cumprimentavam-se nas batalhas das esquinas:
senhor alberto, dona zeferina
senhora amélia, dom oswaldo
veja vocês mais tarde
e cuidado com os porcos fardados!

talvez a dialética da camaradagem
tenha lhes arregimentado
mais respeito do que mereciam, e certamente
mais do que imaginavam
entretanto, o fato prioritário é que seu chamado
reverberou entre o povo
ricocheteando, aos poucos, outros de feitio autoritário
e conquistando um território aurático e imprescindível
conhecido como respaldo
e entre controvérsias, discórdias, consensos e votações
que revistavam os temas até esgotá-los
e mesmo perante um contexto compulsório
às ideias
as belas e explosivas amadureceram
enrubescendo o quórum
até aflorarem, negras
na primeira assembleia geral
dos povos do quilombo

nela, e nas que se seguiram
e nas greves que se tornaram corriqueiras
atenderam muitos camponeses e operários
das fábricas do distrito leste
funcionários diversos dos comércios
e inclusive alguns patrões
sindicalistas, indignados
e militantes de movimentos sociais

também as donas de casa
intrigadas com o destino de seus maridos
de seus filhos e filhas
que de repente passaram a dispensar
janta e novela
para fumar tabaco e beber mate
em rodas de política

é preciso entender e impreterível que se escreva:
nessa conjura, não estávamos sozinhos
voluntariaram-se, como aliados, também os gatos
e a geada
os cachorros de rua e suas pulgas, o rio varanda
seus afluentes, enchentes e córregos, as formigas
e os pardais, as gralhas e os sapos
orquídeas de todas as cores
os insetos e as folhas verdes
as pinhas, minhocas, cobras e os peixes
também as mudas recém-plantadas nos quintais
mesmo os cupins singraram ladeados
deixando buracos, alagados de seiva
e em nosso peito de madeira, uma clareira
rompente no madeiral

conosco marchava, irredutível e assoviante
o mais ofegante de nossos generais: o vento!
quem nos balançou os galhos

arquejou-nos as copas, quem
carregou até os lares e olfatos, a essência
cheiro de ferro e memórias de aço, derretendo-se
e demarcando a pele
jamais, jamais o fado
dos escravos: nossos antepassados
nós e nossos descendentes
perfume inafiançável que se desprende
do poder, quando dista-se dos poucos, quando
empodera o povo
enquanto é suor de amanhecer

na madrugada do levante
as luzes dos quartos, das salas e cozinhas
mesmo dos porões, dos sótãos e garagens
estavam acessas
e ainda que iluminassem tão somente
as sombras nesgas
de alvarelhas
desde suas fagueiras elétricas, auspiciavam
pelas faíscas, nossas quinas
desabitadas há meros segundos
e incontáveis séculos

miseros eram os que permaneciam
miseráveis reféns das mansões e alarmes
arames farpados nos prédios públicos

e muros inescapáveis
estes apagaram as luzes ao acenderem seu medo
e então, num canto obscuro
silenciaram
e enlaçando com os braços, os joelhos
rezaram
ouvindo ao longe o som determinado dos megafones
e implorando
aos santos e demônios protetores dos desesperançados
para que sua covardia fosse abençoada
e que os louros de tantos anos de injustiça
não estirassem, por fim, como força
nem que bakunin levantasse da tumba
e ressuscitasse a ideia
de fazer da corda
suas tripas

“meus irmãos, minhas irmãs, companheiros e companheiras de confederação, nos reunimos nesta noite fria de inverno, para que ela inaugure a nossa primavera e preceda nosso verão!”, estas foram as primeiras palavras de dona teresinha, sessenta e quatro anos, professora de português aposentada desde os noventa, dona de casa e das melhores receitas de pão caseiro e chimia de uva de toda a região, mãe de cinco filhos, avó de três netos, até há pouco, quem diria, era uma psdbista convicta,

hoje é a líder comunal descrita pela imprensa como a mais violenta, e por isso escolhida por nós, como nossa porta-voz, na mais importante das assembleias: “nesta noite, diferente das que viemos nos habituando, não temos pautas longas e discussões que não terminam nunca. não! companheiros e companheiras, nesta noite temos apenas uma decisão a tomar: seguir em frente ou parar; revolução ou resistência; a velha cidade ou o novo quilombo?”

seu grito de interrogação foi sucedido de um trovão cujo som

era tão esbravejante quanto indiscutível:

o céu derramou-se em relâmpagos
e detrás da balaclava
a lua chorou, e de suas pálpebras
de nuvem negra
rebutaram lágrimas ruivas
que se derrubaram
mansas
e no sopro de nosso general
cada lágrima ardeu um dilúvio, de fogo
e de cada uma de suas chamas
fez-se uma fogueira
e cada fogueira uma tormenta
de molotovs
ela molhava nossas mãos

e as acendia, duas tochas
de labaredas afiadas
como lâminas de espada
nossos punhos erguidos, e flamejantes
nossas armas

agarrando-se às crinas dos tordilhos
galoparam as amazonas
eu via lina arrancando a sela de uma égua cinzenta
seus longos cabelos vermelhos escovavam a neblina
atrás dela insurgia, qual a brisa
uma infantaria de selvagens
afrente deles, seu lauro
veloz sobre o velho baio
duas asas em cada uma das quatro patas
já ruflavam
e um chifre em espiral rompia-lhe o crânio
e se anunciava

eu via cada um da falange de cinco
empunhando um punhal de raiva, correndo
em disparada
para o fronte
adiante, ao longo do campo de batalha
uma garoa o varria
com gotas de pontas de prata, envenenadas
a morte que escorria

das costas dos sapos
enfileirados no costado, aguardando o afago das flechas
dos caigangues, e o disparo, silencioso e preciso
escondido nos arbustos e nos galhos
no cume das árvores
alvejando quaisquer inimigos que ousassem
investir pela planície, piscar na paisagem

lá atrás, blocos de caramujos insurrectos
restituíam aos devaneios
das travessas e às veias e às teias dos becos
o esplêndido brilho dos vorazes
colgavam seus escrúpulos no lombo e convertiam
terreno em multidão
eu os via aliviando das costas, as conchas
e as estendendo nas praças, calçadas e jardins
construindo caracóis oníricos no asfalto, ocupando
resistindo nas avenidas e vãos

o levante seguia
tanto o canto dos pássaros
quanto o estardalhaço das gralhas
que trovejavam acima das copas nos guiando os passos
com seu olhar de águia, e enfrentando
finalmente, a dinastia aérea dos falcões
atravessando os clarões em revoada
batendo as asas e costurando o voo

por entre os raios e suas descargas
arremetendo-se mais e mais alto, ganhando
o território dos ares
horizontalizando a verticalidade

e debaixo da terra, entre as raízes, as minhocas
aravam o campo
antecipando-se às sementes
crentes que elas trariam, cedo ou tarde
duradouras boas-novas

havia agentes infiltradas para além das linhas inimigas
as formigas enfileiraram-se e rastejando pelas frestas
quietas e às centenas, invadiram o chiqueiro
escalaram as patas e entre as insígnias das fardas
se esconderam
e num bote certo entraram pelos olhos e flocinhos
romperam os tímpanos
e com o ronco embargado nas gargantas
à força
as bocas
dos porcos
para sempre, calaram

os gatos meavam em bando
e quando corriam pelos flancos
esgueiravam-se, ágeis e insensíveis, safos

perseguido os ratos
divertindo-se com os camundongos
que assustados fugiam correndo pela porta dos fundos
mas eles eram assuntos menores
o que os preocupava atiçando-lhes os bigodes
e obrigando-lhes a ronronar estratégias de emboscadas
eram as arapucas preparadas
para que nenhuma ratazana escape
sem que antes sejam julgadas
perante as leis dos homens
ou pela incomplicência de suas garras

eu e meu compadre antônio
junto aos cães vagabundos
latíamos para o covil dos lobos
eles ajustavam o nó das gravatas e rindo
fingiam manter o controle
foi quando de repente
senti que uma mão quente
a minha
trêmula
agarrava
eram os dedos de alice
encadeando-se entre os meus
escalando o dorso de minha mão
e então pendendo, qual cascatas de ferro, aveludado
sobre minha palma, olhei

espantado e incrédulo, feliz
os traços decididos, lindos
seu rosto num contorno contra a luz
os lábios grossos embebidos em batom enrudescido
pelo olhar devolvido, pela piscada, o sorriso
o aperto com força, a ponta das unhas
nas minhas quatro linhas fundas
sua mansa poesia quiromântica, escrevia
um verso corajoso que eu lia, com o tato
sempre lutaria ao meu lado
caso eu caísse
me levantaria
morrendo, renasceria comigo
e não desataria nosso cadeado
de ossos e afagos
nem se a revolução fraquejasse

tentávamos, sem resultado, a diplomacia
ladridos de matilha
mas no fundo eu sonhava
meus caninos retalhando-lhes as jugulares
não se muda um a alma de um lobo
somente com carícias
e como os outros
eu sentia a sede de vingança em minhas vísceras
eles defendiam-se com artilharias de tintas e canetas
rajadas de assinaturas e telefonemas, e das janelas

uivavam para o inferno, espumando
convictos da ajuda do exército
que com urgência requisitaram
ameaçavam-nos com um banho de sangue,
esbravejavam
que em nossa poça, a dos rebeldes
afogariam a piedade que ainda restasse
em seu coração de fera

poucos quilômetros distante
próximo a um afluente do rio varanda, alimento
de pequenos açudes a sua volta
estavam a postos fuzis, metralhadoras
pistolas, helicópteros, taques blindados
granadas e militares bem treinados
patriotas aguardando ordens superiores
resguardados entre muralhas grossas e guaritas altas
e num instante estavam, também, todos debaixo d'água

as balas e petardos nada puderam diante da ira líquida
de nossas fronteiras, quebrando-se em ondas barrentas
imensas e violentas
cuspidas pela foz do rio varanda
nada puderam debaixo do bombardeio de granizo
que lhes alvejava as têmporas, com mira precisa
como se o céu, de repente, se tornasse um mártir
ou um franco-atirador de gelo

e ainda havia o bote das cobras
que deslizavam pelos canos das escopetas
enrolavam-se nos pescoços e peçonhentas
inoculavam seu recado venenoso nos tornozelos

o quartel, assim, com suas glórias, honras e soldados
se vestiu de enchente, se encheu de aquário
aquático museu bélico
nada mais foi
nada mais era
que a guarda particular dos ricos
e dos poderosos, a comitiva armada

esta foi a madrugada
em que a multidão abriu a temporada de caça
aos pavões, bateram nas portas de suas mansões
os arrancaram de suas tocas
confiscaram suas penas, depenaram seus fiscos
apequenaram-os debaixo de custódia armada

no campo, os grilos gritavam, do cinza claro
que descia sobre as plantações
anunciando que no seu rastro
corriam os colonos com seus facões
as abelhas com seus ferrões, já esgrimando
contra o volteio da vergasta
e varando o feitor de estacadas

uma em cada poro
enxamearam os debaixo
e no miocárdio do latifúndio
assentaram colmeia
fincaram roça

antes sequer que os nós das cercas se fechassem
mas antes até do estampido de dor
das costelas rachando
do berro de misericórdia, do alívio de triunfo

a tempestade

adormentou

e num instante hauriu toda a raiva
chovida sobre a terra, de volta às trevas
e às voltas com as duas cores rompentes
na alvorada, devolveu nossa alma às araucárias
aquietou os bichos, deu-lhes em troca
felicidade

o fogo ungiu as lufas e ventou as sementes

e o silêncio, impostou sua voz de trovoadas
impôs à ira, morada

e demorando-se, desmoronou
junto à última gota ruiva, que caía
e a medida que caía
matizava o céu
do negro ao cinza
ao azul ainda escuro, que clareava
escondendo a lua a rarear-se
descorando seu brilho boreal
o alvor do mar, vindo
confundir-se com o branco das nuvens, já pacíficas
quando o primeiro raio de sol
surgiu à esquerda dos montes
seu impacto, em nossas retinas
e especialmente em nosso horizonte
foi um estrondoso amanhecer de incertezas
que antecipou-se a nossa vitória, duvidando dela
de seus motivos
do oeste onde nasce
do sentido em que caminha
daquilo que pretende esconder:

ao tocar o solo, a gota rompeu
a mudez impelida pelas mordanças
às bocas e ao fado de nossos inimigos
que diante de nossos pés, gemiam
demônios caídos
deitados ao solo

alguns mortos – o que faríamos com seus corpos?
quem embalsamará suas almas?
muitos feridos – ampará-los como ampararemos
os nossos?
ou deixar que definhem hora a hora?
ou adubar nossos lauréis com suas carcaças?

estão acabados, humilhados, famintos
qual é a justa parte dos seus destinos
que nos cabe?

seria o golpe final de nosso levante
feito de perdão
ou de vingança?

a revolução conhece
ou desconhece
o fim em si mesma?

e há
e arde
será que ainda arde
será que ainda há
uma revolução libertária
no coração de cada homem
no sonho de cada mulher?]

A UTOPIA DELA

Eu e Você

Eu te. Escrevo.
Você me. Esquece.
Eu te. Esqueço.
Você. Enlouquece.
Eu. Te beijo.
Você. Me deixa.
Eu. Te deixo.
Você. Se queixa.

XI - Todo esse risco?

[Me perdoe. Me perdoe.
Por te trazer novos. E não poder levar pra longe.
Velhos pesares.
Por abrir uma ferida. Que você ainda.
Não encontra remédio.

Eu só queria. Eu só quero. A liberdade.
Estar sem ela. É o mesmo. Que não estar contigo.
Vem. Vem. Por favor. Me dê uma chance.
De sermos livres. Juntos.

Vou dizer: Mas.
Mas.

Você diz.
Que tem medo. De se machucar. De novo.
Dessa vez: Pode ser. Para sempre: você resiste.
Fala. Fala. Fala. Expõe. Argumentos. Finalmente:
O ciúme. Não é argila. Diz. Pra se moldar.
Com as mãos úmidas. Do suor. De outros.
E deixar secar. A cerâmica frágil. Da confiança.
No formato. Duro. Duro. De um coração. Que bate.

Duro. Duro. Sem respeito. Pelo barro. Pela lama.
Se-tornando-terra. Árida. De se pisar. E pisando.
Passo-a-passo-traçar. O nosso: Caminho-certo.

Na realidade. Dos amantes. É diamante. Esbraveja.
E repete. Sussurrante: Diamante do mal.
Tenaz-demais. Para paixões-menores: valioso
Mesmo inquebrantável. Indelével. Sim. Impossível.
Guardamos no cofre. Nos sentimos seguros.
Com ele. Bem guardado. E seguro. Rendendo-juros.
Ativos. Como provas. Repetitivas.
De que eu sou seu. De que você é minha.

Ter de garimpar. Os sentimentos mais brutos.
Com as unhas. Lapidá-los. Com os dentes.
Entender. Como funciona. Sua máquina. Azeitada.
Perversa. E invertê-la.
Sendo eles. Tão meus. Tão eu. Tão espelho.
De minhas fraquezas.
Pergunta. De olhos salgados. Porque. Porque.
Mantê-los. Assim. Por perto. Se há outros.
Tão mais belos. Para carregarmos. No peito.

Conviver com eles. Indefinidamente.
Não faz sentido. Não faz sentido.
Prefiro a sombra. O abismo.
O poço como. Toca e manjedoura.

Eu. Não digo nada. Só espero. Você-agora: Vazio.

Do peso.

A alma-embebida. De leve-rebenta.

Incertezas.

Depois de um breve. Silêncio.

Te beijo. Te beijo. Te beijo.

E então peço. Se posso fazer. Uma só. Pergunta:

Meu amor. Funde uma verdade. E seja sincero:

Você acha que valho. Todo esse risco?]

Sementes

Todo amor. É um pouco. Poço.
Sábado: mas-só-quicã.
Chibatada. Domingo. Nas costas. Dos apaixonados.
Aliviará-dores. De cortes. Na carne. Das palavras-ditas.
Das mortas. De tosse. Na garganta.
Chibata-dada. Numa caixa. Torácica. Como sexta-feita.
De um presente. Noivo.
Abandonado. Perante. O altar. Do antes.
Para-proteger: talvez. Para-proteger-se: pois.
Amar é: Abrir. As possibilidades. Da vida.
Para a possibilidade. Destruidora. De alguém.
E confiar. Cegamente. Que destruirá. Apenas. As ruins.
Limpará. O campo. Das penas. Enraizadas.
Noutros. Poréns.
E. Com seus. Cadáveres. Alados. Nutrirá. O solo.
Para os sins.
Somente. Se. De amanhã. Flores.
Jaz.
Mim.

XII - No precipício

[Sim. Ele cicia: Sim-sim-sim. E soluça. E derrama.
Por não encontrar coragem. Sozinho.
Para ir-adiante. No que sabe: ser-necessário.
Um revolucionário. Anarquista. Não pode temer.
A revolução. De um coração. Em chamas.

Mas ele-teme. E teme.
Teme o abandono.
Chora. Chora. Sabendo. Precisamente-chora:
O que o espera.
Confie: Em mim. Digo: Confie no que há. Entre a gente.
Confie no que seremos. Mas confie.
No que somos: Agora. E antes de mais nada:

Seguro. Sua mão. Assopro. Seus receios.
Chovendo. Nos olhos.
Os-vejo-voando-lentos. Realejo-das-cordas-do-tempo.
Despencando. No precipício. Ao redor.
De onde dançamos. Perigosamente.
Abraçados.

Contornamos. Suas-bordas-rochas-esfarelando-se.
Em areia. De memória.
Nos beijamos. Dou um passo. Em falso.
Sinto seu braço. Segurando. Minha cintura.
Sinto que censura. Minha queda. Não!
Me solte! Me deixe! Eu: tropeço. Ele: treme.
Sua palma. Sua. Frio.
Não tenha medo. Murmuro. Em seu ouvido.
Não tenha medo. Meu amor.

Fecha. As pestanas. Com força. Caminha.
Pé.
Ante.
Pé.
Para o vazio.

Pendemos. Os corpos. Largamos. As almas.
Tombamos. E logo. Jazido. De vento.
Resvalando.
A Brisa. Caída. A queda. A velocidade.
Pontas ligeiras. Passando.
Rochas-enlaminadas.

Olho: Para: Ele: Para: Mim: Olha.
E sorri:

Miramos. Alto. Lá em cima.
No abismo. Dos sonhos. Onde:

Agora.

Estamos.

Somos.

Caídos.]

Quando o coração iça vela. Em paz.
Enluarado. Por ancoragens e corais.
Guia ao léu. De seus ais.
Com a bússola expulsa. Do cais.
Amante.
E um mar de amor adiante.

Meu mar de amor adiante.

Adiante

ELE
NELA

quero estar em algum canto da tua memória
em cada momento, em todo lamento, no teu
poderia ter sido, onde possa ser um pouco
tua dor, saber se sofri demais, ou se depois
por mim, você chorou, quero teu pranto
ser o espanto da centelha surpreendente
que se acende de repente
e como cicatriz deixa a certeza de que voltará
quando entre suas coxas
com os lábios assoprando meus verbos
e desejando seus arrepios
digo que já não sou mais o mesmo
afago seu rosto e bato a brasa no cinzeiro

anoiteço

não ignoro nossas revoluções, apenas as temo
explico isso com cuidado ameno
dizendo que te amo de qualquer jeito
tua lágrima deságua
debaixo da tua tempestade
adormeço

esta noite emprestei um pincel de supernovas poderosas
presente **de uma viajante de longe**
tinha pele de morango e dez sorrisos de lua
dois olhos de areia e um terceiro de mar
sentei na beira da cachoeira vertida de seus pés
para me lavar das feridas e desenevoar

ela perguntou dos ocasos de ais
e das revoadas da alma
de outrora
disse que humanos têm mãos de tesoura
e debaixo das unhas escondem uma culpa sincera
por recortarem-se em cancelas
por recortarem-se em aduanas

contestei que apenas o ego alto e rochoso das montanhas
a densidade misteriosa das florestas
rios de fúria imponente
os cinco oceanos e todos os mares
têm o direito de separar os homens
e as mulheres

ofereceu-me uma xícara de desdém
recostou os ombros no além
e sem respeito por meus sonhos
me perguntou de que adjetivo eu era feito
e de quem

sou feito de abraços, viajante
as circunferências envolvem-me apertado
e os dedos entrelaçados são os cadeados de distância
que me protegem

seu coração não passa de um botão de rosa
rubro-negra espinhosa
flor do povo de drummond
desabroche-te nela e suas pétalas murcharão
sob o sol forjado por combustão de morte
disse a viajante pouco antes
de relampejar-me e chover-se em luzes frias e quentes

adocicaram-me umidamente transbordando dentro
meus medos mais tolos
senti-os rasgando pelo rosto com o peso do passado
descansaram em meus lábios seus gostos conhecidos
infeliz e indefinidamente redescobertos

a viajante afagou-me o futuro
com suas garras de cometa
arranhando o temporal que nublou em meus braços
e sangrou numa língua extinta todo o desespero
de quem se descobre solitário, ensimesmado
à caça de qualquer outra consciência caótica
para partilhar em sua órbita
tantas angústias universais

desfaz as horas desse tempo
pro tempo dessas horas
desalmar

lembra que agora preciso ir
pois sem demora
já é amanhã dentro de mim

vamos ficar mais cinco gramas
de sossego
pra que todo esse nosso desespero se vá
enfim remoendo
nesse dichavador invencível do tempo
e então enrolar em velhos horizontes
o inesquecível e o distante
acender nos últimos raios do poente
de nossa juventude errante
que vai nesse destino esfumaçante
renascendo em círculos infinitos
de baforada
em baforada

n'um beque a dois

XIII

[o tempo é um velocista
e hoje me sinto velho demais para acelerar a vida
ou exceder a morte
cronometrando-me neste tiquetaquear
e por alguns benditos e rápidos segundos
vencer os ponteiros da história

tudo que preciso neste momento
é lambe a boceta de valentina
e com seu gozo úmido e doce
já na ponta de minha língua
selar o último baseado
no salmo noventa e um
e enrolar este agora no versículo sete

enfim acender os céus na lonjura restante
que incendeia com a labareda fugaz
da nossa juventude passageira
ardeu-nos pelas lembranças desfeitas
até finalmente apagar-nos
no jamais

valentina estava calada
quase imóvel
mas ofegante com aqueles ondados e suados
cabelos negros
esparramados em meu peito
ainda mais ofegante

em breve o sol virá
esbofetear-nos a cara
sabemos que não haverá chance
será o mundo inteiro contra dois
por isso, a sós
nas sombras de lençóis tão conhecidos
até o impossível
escondíamos-nos dele

puxei na primeira névoa do baseado
o poente orgasmo de valentina
queimava entre pele e unha
a densa neblina
ao redor da língua ia dentro de mim
assim como há pouco fui
dentro dela

lá fora tudo é a mesma segunda-feira
a mesma queixa berrada
por ais sem paixão
mas não aqui
não debaixo dos cachos de valentina

não enquanto o relógio arma em silêncio
seu bote infeliz em nosso silêncio

sussurrei com a brisa entre os alvéolos
“meu amor”
e passei depois do segundo pega
como acordamos há tempos
em nosso trato
de enredadeiras sílabas
mas com o baseado ainda entre meus dedos
o enlaçou com os lábios
e pitou chorando, mansa
valentina

é duro resignar os planos
à triste ciranda capitalista
mas juramos nunca nos ajoelharmos
diante da vida
nem com a vida adiante
nem mesmo quando ela reacender
outra e outra vez
os motores sanguíneos
de sua imparável máquina
de moer sonhos

pois quero acreditar que ela também acredita
que aqui
em nossa utopia
de alguma forma

encontraremos o caminho certo juntos
e parecia segura disso
quando tragou com voracidade
uma lufada de esperança
e segurou meu rosto próximo ao seu
para cochichar das negras tormentas
e assoprar para longe as nuvens escuras
que nos impedem de ver
a fumaça bailar a poesia da revolução
até minha boca
de barricadas

o relógio, de repente, gritou tão desesperado
que lhe rompi as horas
despedaçadas na parede
por onde os primeiros raios avançavam
indiferentes
pelos desprotegidos flancos do quarto
a fim de cercar-nos à ribeira da cama

valentina aconchega-se em meu pescoço
e os observa sem medo
do alto do nosso fronte
morde, delicada, meu queixo
respira, sem pressa, e pergunta:

“o que você faria
por cinco minutos mais
de eternidade?”]

ELA
INELE

T

ã

o

E

u

e

V

o

c

ê

Isso é tão. Eu e você.
Morrer de noite. E renascer.
Quando já não haja abraços.
Entardecer. Em despedaços.
E então amanhecer.

XIV - Dois mistérios-médios

[Piquei os tomates. Sangue de suco. Gema-de-gérmens.
Lavei o manjerição-fresco. Rasguei com as mãos.
Mordisquei um pedaço. Duas cabeças.
De alho. Trituradas no esmurrugador. De Antônio:
“A maconha antigripal fica para depois da janta”.
Palavras-bobas. Embalsamadas. No olhar terno:
As imagens pesando. Pendendo seu tronco.
Para frente. Formando um ângulo agudo.
Entre as costas. E o encosto da poltrona.
Segura. Pelo ombro. O amigo:
Parece impassível. Indiferente.
Chacoalha-o. Fraternalmente. Ressente-se um pouco.
Sente-se culpado.
Eu sinto.
Que ele sente.
E sinto muito.

Sinto muito.

“Deixa disso, poeta.” Tenta arrancar. Com frases.
O desconforto-inédito.
Que a presença de seu velho-compadre.

Em sua casa. Agora. Causa.

Por minha causa.

“A Valentina trouxe um galão de vinho
lá da Comuna Oeste, da Dona Berenice,
dá aqui a taça”. Enche. Levanta o copo.
Brinda.

Sozinho. Ao seu lado.

Pálido: Um estranho. Na casa dos íntimos.

Íntimo de seus estranhos.

A água esquentada. Óleo de oliva. Um punhado de sal.

O espaguete escala as bordas de metal.

O aroma de Neruda: Alho frigindo. Na frigideira.

Caldeia. Ao redor basilico. Do ar.

Tenso. No sofá. Ele parece estar-longo. Admira as frases.

De sua mudez. A parede-onde. Tremulam.

Queria deixar que o tempo levasse. Mas o tempo releva.

Resvala na relva. Dos assuntos urgentes.

Um ruído-irrompe. Pelo corredor. Cala a cozinha.

Veste pouca maquiagem. Pinta-se de rendas.

Pendulando nas coxas. Do vestido.

Com um decote de menta. De quem saiu banho.

Disposta a encarar a vida.

Pronta para matar os monstros. Lina caminha.

Em passos lentos. E corajosos.

Na direção dos olhares.

À espera: Não foge. Não para.

Carrega. Debaixo do braço: Dois mistérios-médios.
Embalados em papel terroso.
Ela está sempre. Segura. Sempre-segura-de-si.
Deixa no rastro. Nas pegadas. O mundo parado.
Olhando de lado. Ela passar.
Sua presença emudece. Ainda mais.
Os ecos-de-homens na sala.
Cozinha americana. Estamos próximos.
Estamos ilhados.

Ela me beija. A bochecha. Relá as esquinas dos lábios.
Caminha. Sem pressa.
Deposita um dos pacotes. Sobre a pia.
Sente que está sendo. Seguida.

Cola a língua. Na de Antônio. Mata a sede. De coragem.
Senta no sofá. De dois cômodos.
Onde meu poeta está. Roça a perna. Na perna dele.
Pousa o pacote. No veludo do braço.
Aconhega a mão inquieta. Das palavras inquietas.
Entre suas palmas. Na areia de sua pele. Anoitece:
Seu olhar-enluarado. Ressaqueia.
Faz cheia. Na beira do mar do poeta.
Ela traz a mão dele até a boca. Beija.
Para deixar uma marca.
Ele não se move. Confere o batom. Apenas aguarda.

O silêncio pesa: Os ombros. Nos mata: O fôlego.

A todos. Mas não a Lina.
Ela deita: o pacote. Sobre os joelhos. Dele.
Rasga o papel de embrulho. E deixa crepitar.
Para sempre.
Um buraco. No som. Aparece.
Lina crava as garras. E saca da noite.
Dois trajes de gala: Um terno negro. E uma história.

Ela levanta. Segura cada extremidade. Do tecido.
Com a ponta dos dedos.
Na lapela. Há um broche de pano. Círculo com as cores.
Da confederação: CFS.
“Poderia me dar a honra, meu amigo?”
Mas ele não insinua. Seco. Sequer um gesto:
“Peguei suas medidas na fábrica.”
Prossegue. Disposta a fechar novas feridas.
Abrindo antigas. Com os dentes.

“Lembra do dia, meu amigo, quando eu e Antônio
cruzávamos esse mesmo pântano, que você, agora,
tenta cruzar, do dia que eu estava atolada nele
até o pescoço
do dia em que você deveria me ajudar a sair,
mas sem pensar duas vezes, me afogou no lodo?”

Rachadura nas tintas do quadro.
No concreto de vento. Quando a olha. Surpreso.

As mandíbulas se fecham. Os punhos. Se fecham.
Balança a cabeça. Anda.
De um lado. Para outro. Com os olhos.

“Você lembra? Lembra do que me chamou?
Que gritou comigo, na frente dos outros?
Lembra dos motivos? Vamos, eu sei que lembra.”

Ele vira o rosto. E molha os lábios. Contempla a lisura.
Da parede. Permite um segundo de trégua.
Volta armado de desculpas: “Isso foi há cinco anos.
Eu estava bêbado.
Achei que você estivesse traindo o Antônio.
E já te pedi perdão um milhão de vezes.”

Ela colga o terno. No antebraço. Relaxa o corpo.
E sorri. “Você escreveu a carta de perdão
mais linda que já recebi. Dela você lembra, é claro.”

Da única vírgula. Da ausência de ponto. Ele fala.
Num murmúrio. Quase inaudível.
Lina-estala: a língua. E declama:

“vagabundo sou eu
cuja preguiça cresce até a inércia
a inércia faz caminho
o caminho volteia-se num círculo
circundando o mesmo lugar

vagabundo sou eu
por achar que a vida deve vagar
devagar
e de vagar em vagar assim
desavagando-se
finalmente parar
enfim sossegar
e ali permanecer
é que me enraízo com o que já tenho
remoo-me com o que me falta
conformo-me com a falta
do que já tenho
e com o que tenho
e já me faz tanta falta
inconformado, lamento
mas não movo um músculo
nem rearranjo rumos
não faço nada

não há perdão nesse mundo
que possa perdoar
um coração vagabundo
de vaguear
não há coração nesse mundo
que não caiba no seu amar
que não inveje seu querer

saiba

quando o amor tiver coragem
o amor será verdade
o amor terá teu nome
vagabunda liberdade”

Ela declamou. Consoante a consoante.
E vogal a vogal. Na entonação que mais gosta.
Lenta-Trôpega: Cambaleante.
Fez com que ele lembrasse. Cada uma delas:
Antes que dissesse.
“Nunca vou esquecer essa poesia.
Ela vai comigo, pra onde eu for.
Foi o pedido de desculpas. Foi de um grande amigo.
Foi a sinceridade de um poeta”.

Enquanto fala. Volta a segurar com a ponta dos dedos.
O terno. Ele titubeia. Não queria ter vindo.
Detesta o passado.
“Mas eu não sou poeta. Sou costureira. Como você sabe.
Por isso, meu amigo,
costurei meu pedido de desculpas,
as remendei nesse terno. Costurei cada uma.
Cada uma das minhas lágrimas.
Costurei meu arrependimento.
Costurei com linhas fortes.
Para que não desamarre nenhum detalhe.
Para que não rasgue.”

Antes que a frase termine. Ele se põe de pé. De relance.
Antônio esfrega as mão. Úmidas. Eu não pisco.
Acho que. Sequer respiro.
Ele não diz nada. Mas.
Colga o braço esquerdo. Na manga.
Contorna o corpo. Vira de costas.
Com a ajuda de Lina. Veste o outro braço.
Ela assopra a poeira dos fios. No ombro.
Ajusta as dobraduras. Às medidas.
Estira. Ajeita. O vira. Com delicadeza.
Dá três. Quatro. Cinco. Passos para trás.
Cola as mãos. Como quem reza. Analisa.
Pergunta. “O que achou?”

Outro silêncio. Vagaroso. Ele caminha: Um milênio.
Maciço. Se passa. Nos contornando.
Os ponteiros do relógio. Rodopiando.
As engrenagens de corda.
Ele dá corda e o tempo volta.
Anda até o espelho. Desafia-se. E perde.
Está ainda mais lindo. No terno. Seus cabelos.
Loiros. Longos. Desgrenhados.
A barba que cresce. Sem aparar.
Seus traços dos trinta e tantos. Contrastam.
Com a perfeição. Das linhas-amarradas. Por Lina.

Suspira.

Volta-se para nós. “Acho...” Deixa que o suspense.
Se faça. Permaneça. E permanente. Se vá.
De repente.
“Acho que está perdoada.
Se é que há algo a se perdoar nessa estória.”

Uma máscara. Em Lina. Se despedaça.
Ela a arranca. Das vísceras.
Como se uma árdua-tarefa. Estivesse cumprida.
Sua postura-dura. Eloquente. Desfalece.
Ela desaba. Implode.
Ganha cores. Espontâneas. Amassa os roteiros.
Escritos na memória. E os joga no esquecimento.
Volta a ser: Ela. Finalmente. Corre: Até ele. Grita.
Parece uma menina. Boba. Dá pulinhos. De alegria.
Não a reconheço. Mas percebo que só agora.
Ele a reconhece.
Saltitando-contente. Ela o abraça. O cobre de beijos.
Puxa os cabelos. Dá risada. Antônio os enlaça.
Com os braços: Os vejo. Cochichando-baixinho.

Lina-me-fita. De longe. “Abra o seu, Valentina”.
Esqueço. Os dedos. De alho. Num golpe-rápido.
Desfaço meu susto.
E faço o embrulho. Em frangalhos.
Dentro. Como ela havia prometido.
Um vestido-colorido. Bordado. Com flores.
“Você me disse que é uma flor.” Lina. Ah. Lina.
Costurou um quintal. Inteiro: Pra mim.

Lembro de minha velha bolsa. Das antigas floradas.
De solidão. E lembranças.
O uivo. O uivo: Uma delas. O escuto: Como passado.
Mas o escuto: Agora.

Ele pede um minuto. A sós. Com Lina.
Vão até a frente da casa.
Antônio aproveita e estende a toalha.
Há uma fresta. Entre as cortinas. Através dela.
Antônio e eu. Roubamos olhares. E pistas.
Segredos passam. Pela janela. Ele gesticula.
Fala com as mãos. Com os gestos.
Ela explica. Algo. Que não sabemos.
Tapinhas no ombro. Carícias no rosto.
Ele segura a mão dela. Com firmeza.
Ele cala.
Ela fala.
Parece séria.
Desabafa:
Um sopro. Do pampa profundo. A cortina revoa.
Os perdemos. De vista. Nos olhamos.
Eu e Antônio dispomos:
Garfos e facas.

Em minutos. Estão de volta.
A janta está pronta. A mesa está posta.
Ele senta. Ao meu lado. Toca seus lábios.
Em meu pescoço.

Eu me viro. E o beijo. Engulo sua língua.
Quero sua alma.
Ele abre o galão de vinho. Enche as taças.
Levanta a sua. Levantamos as nossas.
“Ao recomeço”.

Reconheço. Sua bravura. Quando respira.
Ao meu lado. Conversamos. E repetimos pratos.
Aos poucos. Os tempos parecem. Ser outros.

Quando fomos embora. Se despediu de Lina.
E foi dar um abraço. Lá fora. Em Antônio.
Acenderam um baseado. Fumavam.
Sentados na grama. Enquanto eu e ela.
Conversávamos.
“Tenha paciência com ele. E não ache que para você
será mais fácil”. Disse. Então se aproximou.
Beijou meus lábios. Sorveu minha saliva.
Tocamos-línguas.
Mordeu-me. De leve. “Entendeu?”.
Havia verdade. Em seus dentes.

Caminhamos. Eu e ele. Cruzando a noite.
Rindo da timidez das sombras. Mãos dadas.
Abrimos a porta. De sua casa. Fechamos.
Aquele passado.
Ele me agarrou pelas costas. Um pouco violento.
Subiu as unhas. Pelos meus seios.

Arrancou meu vestido. Queria me ver.
Na penumbra. Deu um passo atrás.
Puxei-o pela gola. “Nem pense em se afastar. Agora.”
Falei. Por instinto.
Me ajoelhei.

Arranquei seu cinto.]

Trato de Irreverência

Ele disse:

O amor é. A grande irreverência humana.

Contra. A simplificação da vida. Da existência.

E do próprio-amor.

Eu discordo:

O amor é jardim selvagem.

Jardineiros são as flores.

Amantes são as aves.

ELE

E

ELA

XV

[eu já te disse
que a gente
desse jeito
dará errado?

ela
debaixo da ducha
morna
ensaboando as costas
dele
percorrendo cada vértebra
com a bucha, de trepadeira
e assoprando as bolhas
de sabonete
apertando-lhe com gosto
a bunda
acalentando-lhe
as bolas

E. Eu. Já te disse.

Hoje.

Que te amo?

você pode repetir
essa frase
eternamente
ou dizer apenas
uma vez
de qualquer forma
ela vai ficar ecoando
em mim
milênios
milênios

*Ela se afasta
um passo*

bom dia, meu amor

Boa noite.

*E deixa a água cair
por seu corpo
Ele se vira e a observa
calado
Ela gargalha e o momento vence
a fronteira de seus lábios
desanuvia entre seus dentes brancos
o céu do seu palato
Ele apenas a mira e em si sublima
o arrepio onde esbarram
os respingos minúsculos*

*que se espalham
nas paredes de carne
e se tornam
vapor de desejo
a imagem perfeita
do que pensa
ser
o infinito*

*Ela desliza os dedos pelos seios
os faz demorarem-se pela barriga
e os detém
entre suas coxas
virilhas se abrem
metades
de um e dois dedos
desaparecem*

*Ela os desliza, dentro e fora
e para
a espiá-lo
a assisti-la
em seu delicioso desespero
até que as pálpebras se curvem
até que as curvas se vão em círculos
hora velozes
hora lentos*

*o clítoris sitiado por toques e espasmos
pelo olhar absorto dele
globos de caramelo girando e derretendo*

*as íris se escondendo detrás dos cílios
Mas ela resiste e abre os espelhos
novamente
ao mundo
seu mundo
direto no dele
o sorriso estremece
sente prazer quando a boca se espaça
a garganta arfa
mas ela não arrefece os dedos
cingindo-os e rodeando-os
postergando o fim com suspiros
a água vertendo em fiapos
do chuveiro
se confunde
com a água dela
umedece a passagem
por onde se escondem
indicador e médio
tudo, círculos, espasmos, sorrisos
para ele
indecifrável, absoluto e irreversível
Ela faz
as últimas espirais
das quais ainda é dona
então a pressão leviana
fecha seus olhos
impelida pelo império*

*pelos vulcões internos
das avalanches que a dançam
reluta e logo os escancara de novo
devota dos prazeres
mas ciente dos fatos
do falo erguendo-se
e dos seus objetivos*

uhhh, ahhh, ahhh

*Ela e sua boca
ensaboada
de saliva
lava os verbos
e os transforma
em gemidos
naquela hora
muito mais eloquentes
que qualquer palavra
seja em som
seja em significado
que sejam, portanto
destino
Ela desatina
sem desviar a mirada
da mirada dele
Ela sente
que já não pode mais conter-se*

*se contorce, grita, desaba, morre
escorando o queixo no ombro dele
desabafa
ofegando risos e rindo ofegante
gemendo a centímetros do ouvido
e dos delírios
dele
até calar-se*

a cena mais linda
mais linda
que já vivi na vida
promete para mim
que esse sorriso é meu
só meu

Se eu desse ele. A outro.
Seria mentira.

e qual seria a minha
mentira?

Me dar. Suas migalhas.
Te ter. Em pedaços.
Ser a infidelidade. Dos seus desejos.
Me deixar apenas. Na sua. Superfície.
Ser somente. Um caso.

mas não me conte
dos seus casos
por favor
não quero saber dos outros
não preciso, não me cabe
esse tipo de detalhe

Já eu.
Eu quero que você me fale.
Tudo. Tudo.
Está ouvindo?

não me peça uma tolice dessas

Não peço. Exijo.
Não pense nos outros.
Eles nunca terão.
O que te dei agora.
Viva.
E me deixe viver. Você.

estou tentando, tenha paciência
primeiro
preciso me acostumar com a ideia
de não apaixonar
por nenhuma dessas tantas
dessas tantas e tantas outras

Ela
dá um tapa suave
no ombro dele
Ele gargalha
abobalhado
tentando manter-se calmo
convencendo a si mesmo
que ela está certa
que é ousada e corajosa
e que ele é um homem de sorte
por tê-la encontrado

Besta! Para com isso!

eles e elas são a reação
valentina
são reacionários

Não! Meu amor.
São aliados.
Nós faremos
deles

e delas

O que bem entendermos.

eu só entendo
de imaginar coisas

Eu quero saber. De tudo.

não desses devaneios

Eu disse.
Tudo.

*Ele afia as pálpebras
e respira
Ela o desafia
mordendo-lhe a orelha*

você não imagina
também
que numa madrugada
qualquer
enquanto você lê neruda
aqueles sonetos de amor
fazendo um chá de camomila
para dormir um sono
tranquilo....

Já sei onde.
Você quer chegar.

eu estarei suando nos braços
de uma linda garota ruiva
a sorvendo milímetro por milímetro
minha boca ensopada dela
seu cabelo
enrolado em meu punho
enquanto a puxo para perto
pra sussurrar, no ouvido
sacanagens, lamúrias
promessas de reencontros

Você é um idiota!

*Ela
desta vez
o estapeia a cara
com raiva
fagulhas de pingos se espalham
como faíscas de aço
como chispas derretendo
a solda de um contrato
Ela
não consegue deter
uma lágrima solitária
que se esconde e depois resvala
sem que ele perceba nada
nem seque saiba da culpa
que caiu pesarosa*

*que brotou da lava
e se perdeu nas águas
do chuveiro
e escorreu para o ralo
dos ressentimentos
Ela
com essa lágrima
velada
murcha ao perceber
que o traiu pela primeira vez
e se pergunta
quantas mais
serão necessárias*

mas isso, valentina
isso é apenas o sexo
a intimidade maior da matéria
os arranhões na rotina
as lambidas nas verdades
que gritamos
quando amamos através dos corpos
quando entramos e saímos
por vezes definitivamente
um de dentro do outro
isso, me diga, isso não é nada?

Você não me ouviu?
Nada!

Nada!

o mais importante
vem em seguida
pois, cansados
exaustos, eu imagino
ela se acomoda em meu ombro
meu braço ao redor
dos ombros dela
ofegamos juntos
nos observamos em detalhes
é possível ver o relevo
dos ossos sob a pele
os cachos rubros
e minhas mãos
os ajeitando atrás da orelha
acendemos um baseado
e fumamos devagar
pra quê a pressa?
falamos da vida, dos amores
segredamos sonhos
partilhamos orgasmos novos
mas só para matar o tempo
orgasmos de dedos, línguas
orgasmos de histórias...

Eu já entendi. Seu ponto.
Agora para!

e então, valentina
eu vou ao seu encontro
te dar um beijo de boa-noite
e cheio de saudade
dizer que te amo

*Ela tenta falar
mas algo que há tempos
não sentia
a faz engasgar*

E essas coisas?
Isso machuca. Sabia?

foi você quem disse
que queria saber tudo
mas tudo é uma bobagem
será que quer mesmo?

*Ela tenta
mas a voz embarga
de novo
apenas toca
o rosto dele
Ele entende
cada vírgula
desse discurso*

Pensei que você não sentisse
essas coisas
essas coisas doídas e estúpidas
que eu sinto tanto

Eu...
Eu só...
Eu te amo.

Ela
desliga o chuveiro
e seca os cabelos dele
com a toalha
Ele
a joga na cama
ainda encharcada, a seca
e a bebe inteira
por fora
com a língua
a deixa úmida
por dentro]

NÓS

XVI

[rosa negra florescendo no asfalto
Nosso abraço. No inverno.
te quero, do benedetti
Zombie. Do Fela Kutti.
chimarrão numa madrugada de julho
Mar no verão. Montanha na primavera.
cerveja e praia e um ano feito de sábados
Nosso cochilo. Depois do sexo.
tabaco e café depois do almoço
Temporais de raios. Nas planícies. Do Nebraska.
são bonitas?
Nem imagina.
duas taças de vinho para cada coração tímido
A aurora. No outono.
você nessa camiseta do banksy
Eu. Na sua. Camiseta.
o que mais?
Esse momento.
nós]

XVII

[Vestimos um. A pele do outro.

na esquina dos pés
Ao rés dos lençóis.
a carcaça
de um fantasma
Descama.
como troféu
de areia
esperando
Impaciente. Vendaval.

Inspiramos...

Ontem. O inverno.
Caiu sobre os ombros. Como retaliação.
E como verão: Abrimos os olhos:
quando dois corações libertários se amam
o amor se torna revolução

Dedos laçando-se. Entre dedos.
Entrelaçados.
laceando, destes, os laços
Que antes. Nos apertavam. O peito.
o pescoço
Como garras. Agarradas. Desgarrando. Um ar.
Que não mais. Podia ser: Ar-Fado.

Já. Não queremos ser. O que já fomos.
Já. Não queremos ser. Nada mais.
Do que já somos.
nós]

XVIII

[Abaixo. Um planalto amplo. Venta.
Penteando. A relva rasa. Quase grama.
e voa
uma formiga
num tapete mágico
de folha seca

Sentamos. A olhar o tempo. Parar.
rente ao monte
Admira. Cansado. O aclave. A sua frente.
matuta sobre as possibilidades maduras
Colhe. As verdes.
resolve espreguiçar-se e volteando-se
caminha até a sombra de uma árvore
deita
se esquece
adormenta
e dorme

Naquela tarde. Conhecemos a eternidade.
Por um segundo.

E nos apaixonamos.

paixão
Segundo a eternidade
é a forma que encontrou
de ser breve

Era madrugada. Quando o tempo acordou.
Sonhara conosco.

Bocejou.

Abrindo a boca. Inspirando o mundo.
Estirou as costas. Lavou o rosto. No riacho.

E saiu correndo.

Estava atrasado.

De novo.

Cerramos as pálpebras. **Alvorecemos** os. Infinitos]

ELE

ENTRE

ELAS ELES

E

(a vida corre) de mini saia e chinelo de dedo
voa naquelas pernas morenas
de samba
coxas que só de imaginá-las
em uma certa angulação...
coxas de carne de seda e algodão

(a vida sorri) girando a língua pela hipotética glande
cavalgando em orgasmos de choros
aquela saliva safada
escorre no canto do lábio
numa depravada orgia de olhares
sem asas plastificadas
nem auréolas virginais

vive na fofoca (é uma moçoila sádica)
tanto que por aí
já se comenta
que daquela boca
só sai mentira
mas que boca...
sabor de néctar
de uma rara flor lunar
que sabe chupar
de canudinho
um universo inteiro
sem pressa, devagar
bem devagar...

duas montanhas (ela é farta de bunda)
de bunda
como dunas estelares
onde o pecado
edifica novos altares
para rezando cavalgar
a flor austral
enfim despetalada
na oração de ais sufocados
gritos, gemidos
amores de espermas
e ovários

a vida é uma mocinha nada confiável
daquelas pra curtir
não pra casar

XIX

[tirei a poeira da vista e dispensei a espora
há meses não monto um tordilho
por isso, agora, calço um tênis velho
caminho por horas
pelas horas em que a escuridão se despede
se despe do negro e se veste de aurora

chego a comuna oeste tão ofegante
quanto os primeiros raios
que cruzaram o universo com o objetivo claro
de iluminarem os rasgos, da toalha
e os rostos dos amigos
e serem sombra das moscas
que voam aflitas, em círculos
sobre as compotas de fruta de dona emília

beijo a surpresa de valentina ao me ver assim tão cedo
em seus domínios
e sinto a lua de mel de nosso beijo
trêmulos, meus lábios temem
que em breve, no céu da nossa estória

restará somente
a lua nova

tomo café ao seu lado
raspo, delicado e maroto, com a ponta das unhas
debaixo da mesa, suas coxas
faço cócegas nos joelhos e me empolgo
com as esquivas enérgicas
com as escapadas dissimuladas
com essa timidez inédita
dona emília cutuca com o cotovelo, seu lauro
e pragueja sobre o mal que o tempo causa
ao ânimo dos românticos, suspira
falam da roça, contam dos causos
focam das lástimas dos vizinhos
e no balanço despreocupado de suas sentenças
nas frases soltas de boca cheia
percebo que deveria fazer isso outras vezes
talvez todo dia
e percebo também que valentina é
a cada manhã mais linda

com a barriga saciada de pão caseiro e chimia de uva
e o espírito refestelado nos papos com os compadres
e nas carícias incontrolláveis dela
pergunto a seu lauro se me empresta o baio
para cruzar a tarde

ele assente e pede que eu o acompanhe
até o celeiro
e que leve comigo a cuia de mate
me diz para não ter pressa
pretende que bebamos juntos a chaleira inteira
e sentados sobre uma montanha de palha prensada
me fala de valentina, como um pai fala de uma filha
que nunca esteve, e que de repente, voltou de longe
e deseja ficar
fala como quem ama e protege
e acima de tudo, receia
vê-la indo embora por conta de um homem
que só a faça chorar

valentina parece segura e inabalável, gaguejou
e lavou, numa piscada
o breu que lhe enche uma poça de lágrimas
e então perde novamente a mirada
ao largo da planície do pampa
muitas noites, entretanto, ele escuta
estuda os soluços abafados
os lamentos calados no travesseiro
atravessando as paredes do quarto, corre até ela
abre a porta e deixa
que uma fresta de luz o preceda
senta-se na beira da cama e afaga-lhe as tormentas
ela pede apenas

para que fique em silêncio
e para que não a deixe, para que não a deixe
sozinha de novo
pede que afague seu rosto e faça cafuné
até que as pálpebras pesem nos olhos
até que o sono a leve
então dorme sobre as penas úmidas, as enxuga
com a pele dos sonhos, eles sugam
suas águas
e o sal, pela manhã, já é açúcar

abraço meu amigo, ronco a última cuia
prometo melhorar na sinuca para o próximo torneio
ele pede somente
que eu a faça feliz

galopo pelo campo
tenho um baseado imenso
como um charuto cubano
entre os dentes
alentam as cores embaçadas na paisagem
ao fim da geada
ela já anda baixa
com traje de orvalho
gotejando nas patas do baio
pingando no bico das gralhas

compareço à assembleia dos professores
uma reunião rápida
antônio está animado
passa o café e antes que terminemos a térmica
as burocracias já estão terminadas
ao final, pede a palavra
e convida todos para um jantar em sua casa
trata-se da confraternização de sua classe noturna
aquela em que valentina estuda, e comenta
que preparou um recital
os textos são de um talentoso intercambista
escritor francês, jurou que nossa literatura conversa
numa intimidade rara, e que me espera
no começo da noite, lá pelas nove horas

pouco depois de partir, já diante da aldeia caigangue
enquanto amarro o baio no toco, me pego pensando
que do jantar, na casa de antônio
valentina não comentara nada
mas resolvo que o melhor é suar minhas dúvidas
e deixar que escorram na labuta
caiam no chão e virem lama e virem casa
e foque aquelas horas no que é urgente
no que cabe do meu corpo à comunidade:
ao lado de uns tantos companheiros
e umas quantas companheiras
erguemos paredes de alvenaria, escutamos

as instruções do mestre de obras
pretendemos que depois inverno
e antes do próximo outono
já tenhamos levantado
das ideias
os tijolos

fim da tarde, alice pede uma carona
na garupa do baio
é seu primeiro dia de trabalho
no posto de saúde da aldeia
nos conhecemos há algum tempo
retornamos ao quilombo na mesma época
ela, médica
cardiologista do único hospital público do centro
examinou meu peito quando a conheci
filha mais nova, e mais desbocada, de dona berenice
estudou fora, no rio de janeiro
é morena de couro, cabelo
morena de olhos
morena de amêndoas
de cheiro moreno

amei alice por duas noites
oito infinitudes e três temporais
na quarta madrugada, acordou assustada
recolheu suas tralhas e foi embora

sequer me acordou
mas deixou escrito, em batom negro
na madeira de dentro da porta de entrada
que me amava, mas que precisava de um tempo
talvez de uma temporada

ela segura no esteio e monta no baio
monto logo em seguida
envolve minha cintura, segura firme
corre as mãos por meus braços

baio vai trotando, solto as rédeas
ele é bicho sabido, conhece o caminho
intui a velocidade

o galope lento nos permite frases rápidas
mas ainda que eu vire o pescoço, em ângulos notáveis
não consigo vê-la, de qualquer forma
sigo inclinando a cabeça para o lado
movimento tácito de fundo cavalheiresco
com o ensejo de que note
que a estou escutando atento
e que dela quero saber dos detalhes

o caminho é mediano, a conversa, alongada
começa na noite de nosso desencanto

ela diz ter saudade, eu conto de valentina
ela lembra de conversas, como esta, que tivemos
do meu tato
da fumaça, de nossos corpos queimando
ela lembra das frias manhãs de sábado:
ela lembra de tudo

foco, me atendo aos pormenores
de meu novo contrato de amor
alice diz que me entende
que sempre fui passivo frente às vontades
das mulheres que amo, e impassível
debaixo do rebolado de suas ancas
diz que entende valentina
que é corajosa, mas tola
ao presumir o passado
mais frágil que o futuro
e diz fatalmente, que não tem ciúmes
que a vida é breve e que há um risco iminente
a se correr nesta tarde

volto a empunhar as rédeas
tocamos para seu pequeno latifúndio

há um mar dentro de mim
de deriva e marés inquebráveis

há um mar dentro de mim, redemoinho onde não nado
morro, mas esqueço da morte, e respiro, submerso

na volta, depois de abrir a porta
notei que alice escondera uma carta
no bolso de minha calça
o selo é uma marca de batom, pelo cheiro de suor
sei que escreveu enquanto eu cochilava
acomodo-a sobre a geladeira, fechada, intacta
mas não me contenho
a tomo em meus dedos e a rasgo
a desfaço, a esfrangalho em mordidas
e no seu despedaço
cuspo

me sinto um verme, me sinto
um traidor de sentimentos maiores
me sinto um idiota, um hipócrita rendido
por pequenezas da carne
me recinto de valentina
me sinto mal
me sinto livre

vejo diante dos meus olhos
o quebra-cabeças de um engano
despedaçado
desesperado

me atiro no chão
rearranjos os cantos, comparo as esquinas
os farrapos
colo com fita, com cola, com saliva
refaço a carta, e ansioso
a leio

alice diz que está arrependida
mas não de nosso reencontro
está arrependida por termos, um dia
nos afastado tanto
escreve que está um pouco confusa
mas feliz como há muito não estava
e narra, em detalhes, a madrugada
quando sua palma escalou minha mão
e a cascadeou com seus dedos
quando uivamos juntos
cães vagabundos como lobos sedentos
e lembra, que diferente de valentina
a nossa revolução é, e sempre será
a mesma

então me convida para um jantar
hoje a noite, sexta-feira de lua cheia
promete salada de frutas, lingerie negra e salto alto
pede em troca um vinho, e pede que eu vá
e prometa não voltar, antes que seja sábado

gosto de estar com alice
mas por motivos tão diferentes
ela, de mim, não exige nada
não planta dúvidas em meu futuro, tampouco
colhe certezas duradouras
apenas chuta as pedras do caminho, e nosso caminho
sempre foi desfiladeiro de montanha
me amarra na cama
e parece que me ama, só para depois
não encontrarmos uma desculpa sequer
para que nossas conversas frugais
nos carreguem por longos silêncios
para desleixar das dores, olhar a lua
esvaziar-nos das avarezas intelectuais
e dos poréns
para reverberar o eco louco que há em nós
alice não pede conjecturas
quando muito, um desinteresse momentâneo
por temas profundos
para que mesmo por alguns minutos
respiremos
aliviados
alice me dá aquilo que não preciso
mas que pressinto, que muito em breve
será tão imprescindível quanto persistente:

me perdoe, antônio, me perdoe, meu amigo

mas é necessário que nesta noite
eu enfrente alguns monstros

é imperativo que eu urja
perante essa liberdade inédita
com que o amor de valentina me envolve
ah, essa liberdade nova, com que me toca
a qual me doa
o vulto de fera

essa liberdade ainda **me desconhece**
mais do que eu mesmo
me desconheço nela]

mas
o **tempo** consome a luxúria da vida
resta apenas o passado
como um dominado
masoquista

maldito tempo esquizofrênico
que ontem deixava recados
hoje me cobra pecados
idênticos

sei que me traz os conselhos mais seguros
mas também sei
que no futuro
por cada um deles
me mata:

XX

[eu
sentado no meio fio da praça
nove da manhã

de um sábado ensolarado
embebedava meus
monstros
com cerveja gelada em repetidos goles
deveriam amansá-los
pois me morderam por toda a madrugada
com seus dentes afiados
nos malditos pesadelos de passado
a coroa de tempo para o tempo inacabado
e seu **despótico império**
de arrependimentos inegociáveis

ele

costurando os dedos nos seus
do outro lado cruzando a calçada
marlboro aceso e pendendo nos lábios
reluzindo e apagando

ao léu das tragadas
a ponta um farol
de brasa
alertando minha mirada
para a colisão inevitável em seus rochedos
castanhos
mas já tarde, muito tarde, valentina

eu via
eu via
amassada
envolvendo o corpo cansado
dele

como um punhal cinza
em minhas costas
eu via a camiseta pintada
com um grafite do banksy
aquela que te emprestei para que passasse
a primeira noite
ou quantas mais fossem

valentina
corre o caramelo dos olhos
e surpreende-os nos meus
levemente lacrimejados, solta afoita a mão suada
e vira de leve a cabeça para o lado
evitando o julgamento revoltoso
de meus mares

ela sabe que o trapo que hoje passeia
no corpo desse francês abobado
barba feita
ray-ban de aro grosso
all-star de cano alto
já foi nossa toalha de mesa
numa manhã de sábado como essa
às 10h te levei o café na cama
duas torradas com mel
meu mate amargo
seu chá de hortelã
com água morna e canela
a bandeja
em nossos joelhos
era a capa do transa
caetano nos cantando na vitrola
como você pôde esquecer essas coisas?
com essa camisa já limpei em seu queixo
meu orgasmo
uma vez a atirou na minha cara
com a fúria maravilhosa
das mulheres apaixonadas
ciumenta pelas piscadas descaradas que eu dava
para qualquer uma na rua
só para vê-la entregue e descontrolada

já encharcamos suas costuras
em nossas longas sessões
de pessoa e almodóvar
ela em meu ombro
eu, na sua alma.

nele, ela não é nada!

nada!
quem, valentina
te deu o direito de dar a outro a nossa história?!

ali
um metro e oitenta acima das flores

é apenas uma camisa velha
e sem lembranças

meus olhos te perguntam
se esta é a única maneira
de devolvê-la ao estado de simples pano velho
para desbotarmo-nos no suor
de seus novos amantes

Valentina vai. Vai. Com ele. Mas não passa.
Nem se esconde.

Eu fico.
Cada vez mais distante]

preciso
dar ao delírio, quantidade
ao amor, profundidade
à vida, delírio e amor

preciso
dar aos beijos, romance
ao desejo, uma chance
dar sexo à liberdade

preciso
dar ao bem um tanto de mim
ao mal um pouco de sim
ao futuro, **quem sabe...**

...preciso dar a valentia, saudade

XXI

[**sinto** que estou perdendo:

() batalhas

() a mim mesmo

() ela: () minha verdadeira revolução

() minha derradeira utopia

() meu maior engano

() o desengano que sonhei

sinto deixar de lado a revolução que me cabe

e doar todo meu coração, já descabido

a outra, que me parece tão: () egoísta

uma que não seria minha () egocêntrica

se não fosse: () necessária

() realmente minha () impossível

() dela () tola

() o amor: () nossa utopia

() a utopia dela

sinto minha revolução envelhecida

pois sobre ela já pouco penso, pouco escrevo

pouco falo:

sei que minhas palavras são a única herança
onde residio, nos resquícios do verbo
em que resisto, com minha poesia em sua alma

o que são, de onde vem, o que querem, comigo
essas dúvidas todas
tão inquestionáveis quanto impreteríveis:

() medo

() covardia

() destino e sobrevivência

() minha verdadeira natureza: () indo embora

() bobagens

() despertando

() tudo isso são bobagens

() gritando:

() de raiva

() morrendo:

() de alegria

() mudando:

() pra melhor

() pra pior

() pro meu bem

() pro meu mal

() por desespero

() para sempre

valentina é _____ para mim

o que sou

para ela: () um: () outro

() tudo

()]

ELA

ENTRE

ELES ELAS

E

Teremos

Abre suas janelas.

De vidros embaçados.

Para ventar. Nossas cortinas.

De incertezas-de-seda.

Nas lembranças.

Costuradas nessas tranças.

De inseparável-agora.

Minhas portas-trancadas.

Por suas chaves-misteriosas.

E cadeados-impossíveis.

Dos porões vazios. De futuro.

Cobertores sem perfume.

No fundo-escuro.

Das gavetas.

Fundas e escuras.

Na dor do tempo.

Que sobe as escadas.

Com sua navalha. No peito.

Gritando por mais.

Por mais.

Que nunca teremos.

XXII - De joelhos

[Você me fez: Perceber. Que há algo-escuro.
Uma bruma. Feita de noite. Sem Lua.
E que você canta. E que você chora.
A ausência dela.
A sua ausência minha.

Não pense que não sinto. Pois também sinto.
Te levaria no bolso. Se pudesse.
Temo. Te perder. Para alguém. Que te impeça.
De mim.

Mas não deixarei. Jamais. Que meus temores.
Construam parede. Entre nós.
Acredito. Que um beijo meu. Que um beijo seu.
Esfarelariam.
Qualquer parede. Anteparo. Seja de concreto-seja.
Carne.
Seja de aço. Tudo.
Viria abaixo.
Acredito que meu aceno. No seu cais. Te faria.
Baixar as velas. Te faria. Novamente.
Ancorar. Em meus braços.

Sinto a voracidade. Do seu desejo. Quando me beija.
Quando me aperta. E me aparta.
E quando me olha: Vejo.
Vejo as barricadas dos seus sonhos. Caindo. Caindo.
Diante do avanço traiçoeiro. Da vida.

Mas. Só você. Pode saber.
Quanta liberdade. Em seu amor. Ainda há.
De caber.

Só você. Meu amor. Só você.
Você. A quem só posso pedir. Que confie.
Você. A quem não posso impedir. Que tema:
A alvorada de um novo dia.
A vinda de um outro tempo.
Pois pode ser que amanhã. Ao abrir os olhos.
Esteja. Mais uma vez.
De joelhos.

Só eu sei: Eu sei.
Das feras. Que você esconde. No peito.]

Minha utopia

Eu acreditava. Que apenas numa utopia. Libertária.
O amor seria. Revolução.
Mas o que eu não sabia. É que todo libertário.
Já leva a utopia. No coração.

Agora sei. Um coração revolucionário.
Precisa de um amor libertário.
Para começar a bater.

Agora sei. O amor revolucionário.
Precisa de dois corações libertários.
Para-enfim. Irromper.

ELLE ELLE
PARA

fica tranquilo meu amigo que tudo isso passa
e cicatriza e arranha e dói
e só dói porque na vida estamos aí pra sofrer
e sorrir e curtir e beber
e amar e chapar e viver vivendo essas coisas todas
e também as tolas
e muito mais uma vez enfim é assim
e que bom que é assim
então se acalma e sente no fundo com força no peito
pois daqui pra frente
meu velho
se vive e se mata
a cada dia e noite e bar e madrugada
por isso relaxa e puxa o banco e o trago
senta aqui do lado e bebe nesta roda de fumaça
nosso mate amargo
e solta nessas lágrimas os teus monstros
todos loucos
porque essa tarde oca
ainda é pouca prum bom papo
que nos aconchega a alma e sossega a paz
e quem sabe também gritamos nossos choros e ais
e quando aquele vento forte rompe os lamentos
um tanto sós
e uma brisa leve leva essa angústia boba
pra algum cais longe muitos nós
dessa realidade besta que só
um dia mais ranzinza que outro

e mais velho que outros
e me diga se não vê o tempo voar
pela janela aberta desse coração pequeno
que bate porque não há o que dê jeito
e sabe como é preciso remar junto
por que agora e pra sempre
estamos contra a maré
compadre
nesse riacho que nos coube nunca é tarde pra nadar

.as escolhas erradas me atraem de alguma forma.
por isso acredito no amor.e admiro os apaixonados.
no fim tudo será uma alta maré de mágoas
batendo nas memórias de pedra e esculpindo-as
lentamente.desgastando as pontas afiadas e agudas.
abaulando as quinas até tornarem-se
escorregadias e inofensivas.saiba que este é
um espetáculo longo.maravilhoso e inseparável
que reverá sempre.de repente. pois o erro
tem o charme da impertinência. assinado : ruptura
.tão dolorosa quanto imprescindível.rio de planalto
com cachoeira e vazão profunda.fronteira de
dois universos efêmeros e irreconciliáveis.duelam
pela revolução.filha do erro e da utopia.batizada de
electra.cresceu libertária.e os inquietou

Que exista amor para tanto pecado
e que em cada canto quântico de cada **átomo**
caótico e errático seja nosso **divino**

somos a cantoneira do mundo

valentina

numa versão concebida

com o engenho imparável

da competição

a fim de sobressair-se

na mais sanguinária das guerras

que por sacanagem cósmica

e semântica

compete à evolução

posto que não passa

da extrema e heroica simbiose da vida

ainda que a vida seja também

inevitavelmente simbiótica

acomodei a ponta dos dedos

na fronteira covarde

entre a bunda de planalto novo

e a coxa lânguida cruzando-me o bojo

qual lâmina morena afiada de sol

somos o contemporâneo do imigrante e da escrava
cantoneiros do mundo, valentina
somos uma esperança miscigenada

que atestem teus beijos achegando-se faceiros
em cheio
em meu pescoço
tua mirada de nega molenga que estala num beijo
manso... nosso...
mas teus cachos escuros escondem nas raízes
impenetráveis planos
dos quais não sei se ainda pertenço
ou se me canso
mas afago teus ombros envoltos entre meus braços
e te beijo e me calo

ELA ELA

PARA

Uma dúvida

Existiram eles. Existiram elas. Antes da gente.

Existem franceses. Existem Alices.

E certamente existirão mais. Entre.

E após.

Me pergunto. Existiremos nós.

Depois deles.

Outra dúvida

Terremoto sacode. As costelas.
Rompe-a-pele.
Torna-se-monte.
E aos montes: Montanha.
Afia o cume. Com a navalha. Do frio.
Punhal-de-nevasca.
Continua-rasgando. Subindo.
Mais imponente. E impossível.

Então uma avalanche-desliza. Sobre as asas.
E a longa calda-cristalina. Desata. Das rochas.
Desaforada.
Até-alvorçar-se.
Estratosfera-afora.
E pedregulhos. Abaixo.
Suas penas-rolam.

Despencando. Como se flutuassem.
Flutuando. Como se despencassem.

Úmida

Uma vez. Que fomos nós. Já não posso.
Já não posso ser. Voltar a ser. Somente uma parte.
Se sou. Um simples eu. Meu eu. Simplesmente.
Se reparte.
Busca o seu.
Não encontra. Nem desiste. Não retorna.
Nem pode.
Nem sequer. Se devolve.
Vaga. Vaga.
Te procura.
Fico. Partida. Em metades. Partida.
Que não chega. A nenhuma parte.

Uma vez. Que escrevemos. Versos juntos.
Dividimos o lápis. E as estrofes.
Meus versos solitários.
Apenas chovem. As penas chovem.
Riscando pingos. Pingando riscos.
Enchendo poças. E empoçando.
Formando lagos: Alagando.
Alagando-me-toda.
Sou lagoa: De letras. Inteira.
De mortes.

ELLE E ELA

XXIII

[Ela
costas suadas
coladas
no colchão
Ele
joelhos abaulando as molas
suas coxas construindo telhado de duas águas
sobre ela
estirada debaixo do arco convexo
feito de pernas
completamente nua
inteiramente sua
Ele veste apenas
uma caneta
esferográfica vermelha
pende o tronco a noroeste
mordisca-a nas esquinas
do quadril
Ela, febril
se agita
cócegas e calafrios

*Ele a acalma
dos suspiros
com o indicador em riste
entre seus lábios
e apoia, por fim, a ponta encharcada
no pulso direito dela
e como se suas veias
fossem linhas mal traçadas
escreve em sua pele
a poesia que entardece
rubro negra*

o destino deste braço
onde escrevo minha confissão
de caligrafia trêmula e desalentada
é descansar sobre meu tronco
ser pêndulo e epílogo da sua mão
acariciando meu pescoço
fazendo caracóis e conchinhas
carícias com os pelos do meu peito
formar ângulo reto
para arranhar minha virilha
procurar sobre minha barriga, meus dedos
para batucarem juntos um samba do vinícius
que pulsa logo acima, no lado esquerdo
e dormirem, para sempre, aqui, imperfeitos
e trançados de nós

Ele
e suas palavras impensadas
encontram o ombro dela
então curvam
fazendo o rio de sentidos desviar
de sentido
como fiapo de linha ondulada
muda e abobadada
na encruzilhada, um atalho clavicular
vai deixando um rastro
de pequenos vulcões
encrespados
cascateando lava pelo delta dos peitos
insolada catarata
de suor, tinta e desejos
delongando-se num véu de noiva
de um só risco
vermelho
circunda, por isso, lento
a meia lua
feita da pera madura, pendendo
o desatino da caneta
e o verão
escala as letras a poucos poros da axila
e passa a escrevê-la
ascendendo seu relevo
em espirais amplas

*que vão encurtando
diâmetros
ao aumentarem
a sanha
ao se aproximarem
das terras roxas
do marrom enrubescido
no território eriçado
ao redor do bico*

juro
que leria
com um beijo
a poesia mais indiferente
se quem a escrevesse
fossem seus lábios

juro
juro
que beijaria
com uma mirada
a imagem mais amarga
se quem a escrevesse
fosse sua boca

juro
juro
mas vou embora

Ele
colga a vogal final
no alto do seio esquerdo
dela
um A no centro do círculo de carne
a mais bela bandeira anarquista
jamais tecida
jamais a tais alturas
hasteada
e então assopra
e então tremula
estrofe por estrofe
para que não borre
nem empalideça a cor
quando chegue enevoadada
a próxima tempestade
de suor
Ela
o faz pender
e cair ao seu lado
com um golpe ágil
do quadril
monta as ancas sobre ele
coloca-o todo dentro de si
e avança
selvagem
mordendo-lhe o queixo

*fazendo-o apertar os olhos
em desespero
e oferecer a jugular
uma vez mais
aos seus caninos
Ela
desliza a língua por seu peito
ao mesmo tempo desliza-o
maldosa
para fora
umedece, a baforadas
seu umbigo
e ouve gemidos desencontrados
desce
deixando uma trilha de saliva
borbulhando pela pélvis
e envolve-o
súbita e felinamente
com a boca
suspirando
como que sedenta
pelo prazer de senti-lo
pulsando
inteiro
em sua garganta
liberta-o e agarra-o
observa suas veias*

*inundando
e lambe de olhos abertos
sorrindo
sorrindo
e o admirando
totalmente entregue
aos seus desmandos
a todos os excessos
assopra seu bafejo
bem de perto
para que o frio
congele
por um segundo
o ardor
e feroz
abocanha-o
sente-o indo e vindo
tocando-lhe o palato
até que cada músculo dele
se agite
até que renuncie a qualquer controle
até que ele
enfim
alague sua boca
alague sua boca
e se desfça
num grito incontido e grave*

*até que sosseguem os espasmos
e as unhas que arranhavam
as costuras do lençol
desenfureçam
até que perca as forças
Ela espera que ele
não mais estremeça
e amoleça só um pouco
e ainda com ele todo
em sua boca
desliza os lábios
lenta
lentamente
pela extensão ainda rija
sem deixar que nenhuma gota
que nenhuma letra de sua poesia liquefeita
se perca
se escape
e assim a bebe
num só gole
por capricho
por delírio
por amor
e saudade
Ele
desfalecido
no tumulto imenso*

da pequena morte
Ela
salta da cama e sai
apressada
acende a luz do banheiro
e postada diante do espelho
frente a frente
em silêncio
a poesia viva

lê-se]

NÓS

XXIV

[Domingo.

De manhã.

a geada

densa

Pinta.

Quadros.

impressionistas

com tinta de orvalho

pincel de sol nascendo

em cores de inverno

no lado de fora

do vidro

A aurora.

Do quarto.

Moldura.

Do mundo.

Domingo.

Nosso café. Da manhã.

ceva, a erva, acrescenta, a água, bebe

pila, a erva, acrescenta, o fogo, fuma

fumaça de vapor

fumaça de queimada

Uma. Esquenta o corpo.

Outra. Esquenta a alma.

Dormindo.
Um amanhã.
Desperta. Escondido. No travesseiro.
Nosso esconderijo.
escavado no vento
parede de lençol
céu de cobertor de lã
Temos. Um compromisso.
inadiável
Com o sono.
E outro.
Com a preguiça.

Nos atrasamos.
Nos atracamos.
Com as velas erguidas.]

XXV

[Escolha. Um sentido.
Navegue. Por ele.
navegue todo seu mar
em algum momento encontrará
Terra.
Firme.

Desça.
Caminhe.
por mais planícies e montanhas
que houver
No fim.
Há de haver.
Outro mar.]

ELE

SEM

ELA

XXVI

[falo das feras de dentro de mim
mas apenas meu silêncio
é fúria

termino de dobrar a última camisa
levo nas costas uma mochila leve
que leva o que não deve
pesar:
as roupas imprescindíveis, os livros favoritos
as tristezas que ficam
e as que foram em vão
comigo:
deixo tudo
para sempre
para trás deixo, sobre a cama
seu bloco de notas, valentina
na capa escrevi minha carta de despedida
com letras tortas, mas punho firme
e enquanto escrevia
dois mares escaparam-se de mim
derrubaram-se sobre as pupilas da foto
e guevara chorou
as dores dos meus olhos

me despeço da utopia
me devolvo ao império
às reverências capitais
por ela dou um passo atrás
por ela me abandono
ouço, o silêncio berrando dentro do meu crânio
ouço os escombros de minha ruína
me arruinando
arranhando feridas e as ruminando
em sua boca inescapável

colgo o que me resta no ombro
e caminho até a cozinha
descanso a mochila entre as pernas
e vejo o fogo gritando borbulhas na chaleira
despejo tudo na cuia e inspiro
o perfume de mato da erva mate queimando
acomodando-se úmida no porongo oco
anuviando
o sereno quente refestela-se
numa esquina aconchegante
de minhas melhores ideias
transbordo
bebo um córrego de memórias

enrolo, sem pressa, e acendo o último baseado
sou atracado, na primeira tragada
me desfaço

dissipo os cacos de um quebra-cabeça
sobre o tabuleiro ingrato
de refratários fatos da vida
no meio dos cachos de labirinto imenso, de valentina
me rebelo
queimo os sonhos que teimo
abandonar
temo jamais esquecer-los e definhar
enquanto permanecerem vivos
no meu peito
cravo uma navalha, de fumaça
respiro
mas me atravessa a alma
num suspiro, a mata
vejo seu cadáver imóvel entre as árvores
recolho seus resquícios e os volteio
num ataúde de seda
o velório dura uma brasa, os cremo
entre meus lábios
puxo fundo e os enterro
na primeira baforada

apago a ponta na sola do sapato
jogo-a com a chave sobre a mesa, não esqueço
de deixar a porta aberta para que me esqueçam
está chovendo, mas é garoa
meu rosto está molhado, mas ainda estou na soleira
sou tempestade, meus olhos embotados de trevas
minhas pegadas, de trovão, reboadas

caminho antes que o sol se atreva
antes que a segunda-feira se espreguice
antes que eu me atenha
às pequenezas de dimensões incalculáveis
minha pele está pálida, debaixo de minhas pálpebras
as mágoas sangram num vermelho claro
o esquecimento perde o sentido
diante do filme sem fim
que passa rápido e detalhista
como reflexo no vidro da janela
inescapável das retinas
onde há um passado que se repete
e nunca se perde de vista

não bato em retirada para reagrupar forças
e retornar irrefutável
repleto de saudades e de certezas
vou embora
ciente da derrota, cansado da dor

mas me concedo o direito
de sentar por um momento no banco da praça
quero levar no bolso tudo que eu possa deste redor
o cheiro de rebelião chovendo em terra seca
a sombra das araucárias desenhando no barro
o marrom das grimpas

aperto o passo ao cruzar a universidade
cerro os olhos diante da altitude das lembranças

de quando saíamos nas sacadas
do segundo e terceiro andares
para gritar discursos e conclamar às primeiras greves
lá do alto chuviscávamos
os exemplares dos jornais do sindicato
e os víamos caindo
como corolas rodopiando e se abrindo
num romance revolucionário

mas agora caminho apressado
me despeço e me desculpo, em pensamento
adeus meus amigos, meus comparsas
adeus compadres e comadres
que a revolução esteja convosco
que bakunin, em sua barba, os guarde

caminho e enquanto o caminho se acaba
vejo as mesmas casas, meus vizinhos dormem
as janelas estão entreabertas
as portas destrancadas
as paredes de madeira
lacrimejam seiva pelas madrugadas
e prego enferrujado nas tardes de verão
algumas delas já se enrolam
em edredons de argamassa
no rejunte de estrelas a grama cresce
seu mar é verde
cor que não floresce em jardins babilônicos

nem, tampouco, em quintais imperiais
mas nas lascas do asfalto
nos buracos entre as lages das calçadas
nos campos de futebol
na grama que o sereno amarela
e por amar, ela, a planta cósmica
na relva do coração, aqui
brilha
sobre seu gramado deita e espia, lá longe
pequenas centelhas, os seres humanos
pulsando
pulsando

em frente, revelando-se no meio da neblina
vasta como floresta, densa como viga de aço
branca e gelada fragrância matutina
vejo a ponte elevada entre as duas margens
do rio varanda
a fronteira, minha borda derradeira
piso que piso poucos metros acima
de uma correnteza intransponível

de esquecimento

atravesso...

meu amor
meu amor, entenda

te deixo porque apenas minha ausência
será capaz de fazer sua utopia, uma utopia verdadeira
te deixo porque desejo que ela aconteça
e porque te amo mais que tudo
em seus braços deito, a minha:

te amo porque me ama
te amo porque tua mão escreve canteiros
e neles colhe poesias
te amo porque teus pés pisoteiam paradigmas
e plantam caminhos
te amo porque é revolução
te amo porque é revolução
te amo porque é tão necessária
te amo porque é tão urgente
te amo porque é preciso
te amo porque é preciso que volte
te amo porque é preciso que volte
do limbo desacreditado das ideologias
te amo porque é preciso
te elevar ao protagonismo do presente
te amo porque é preciso
resgatar aos berros tua história
te amo porque é preciso
ousá-la uma vez mais
te amo porque é preciso
que uma vez mais seja ameaça
te amo porque é preciso que ameace e ameace

te amo porque é preciso que retrace prioridades
e aponte sentidos
te amo porque é preciso estender os discursos
te amo porque é preciso intensificar as palavras
te amo porque foi capaz
te amo porque foi capaz de ser
te amo porque foi capaz de ser o antagonismo
inadiável da realidade sanguinária
te amo porque foi capaz de ser a crença de vida
diante de nosso futuro de morte
te amo porque foi capaz de ser tantas vezes
a redenção de nossa espécie
te amo porque foi capaz de vencer tsares, reis
monarcas, senhores feudais e imperadores
te amo porque ainda é
te amo porque ainda é capaz
te amo porque ainda é capaz de vencer a ditadura
do capital, dos bancos, estados e patriarcas
te amo porque ainda é uma esperança
te amo porque ainda é uma esperança armada
te amo porque ainda é uma esperança armada
de abraços, de amor e de raiva
te amo por que é imprescindível
te amo porque é imprescindível que renasça
te amo porque é imprescindível que renasça
das trevas
te amo porque é imprescindível que renasça
das trevas do imaginário, a rebeldia

te amo porque é imprescindível que renasça
das trevas do imaginário a aura romântica
te amo porque é imprescindível reviver o ceticismo
do mágico e o derrotismo do filósofo
te amo porque quero
te amo porque quero a pós-modernidade menos
complacente com os imperativos do sistema
te amo porque quero a pós-modernidade menos
indulgente com o mistério
te amo porque teus olhos enxergam a utopia
te amo porque teus olhos enxergam a utopia
te amo porque teus olhos enxergam a utopia
te amo porque nossos contemporâneos
não mais a enxergam
te amo porque nossos contemporâneos enxergam
quem as enxerga como cegos sonhadores
te amo porque nossos contemporâneos
convenceram-se que a utopia não é crível
te amo porque nossos contemporâneos
conformaram-se com a máquina
te amo porque nossos contemporâneos
estão conformados e convencidos
te amo porque nossos contemporâneos creem
na resignação como certeza de sobrevivência
te amo porque nossos contemporâneos
são cheios de certezas
te amo porque nossos contemporâneos estão certos
que o curso da história é agora irreversível

te amo porque nossos contemporâneos, convencidos
passaram a adorar a máquina
te amo porque nossos contemporâneos, convencidos
passaram a adorar a hipnose das engrenagens
te amo porque nossos contemporâneos, convencidos
passaram a acusar os lumpens e denunciá-los
te amo porque nossos contemporâneos
agora acusam quem se levanta e luta
te amo porque nossos contemporâneos agora
delatam quem se recusa a abaixar a cabeça
te amo porque nossos contemporâneos agora
se ressentem por não fecharmos os olhos
te amo porque nossos contemporâneos agora
temem quem jamais se entrega
te amo porque nossos contemporâneos agora
se convencem dos inimigos
te amo porque nossos contemporâneos agora
não querem mais ser povo
te amo porque é povo
te amo porque é povo
te amo porque é povo
te amo porque é povo que se dá ao respeito
e não abre mão do direito de sonhar

por isso, meu amor, quando sentir minha falta
me procure nas duas cores
do firmamento
estarei nelas
tremulando, revivendo

e...

valentina

que na tua revolução

teu coração

aprenda a uivar em paz -

ELA

SEM

ELE

]

[

INDICE

Trato de Levante

ELE

I - a fronteira necessária
o poeta que amo é comunista

ELA

II - Acho que sou pólen
Carta ao uivo
Antes

ELA NOS OLHOS DELE

esperamos como esperam os tolos
uma mulher lendo um livro
III - há
compañera
quero ser agora um pouco daquilo que talvez
jamais serei depois

ELE NOS OLHOS DELA

Aparição
IV - A paisagem
Ter-te-lido

ELE E ELA

V

VI

ELE NELA

escombros

o mégane à trois

estrela binária

ELA NELE

Ancoragem

Línguas

Os lábios mais doces que já beijei

Semadura

ELE ENTRE ELES

semente

VII – começo

é preciso

ELA ENTRE ELAS

VIII - Ele. Eu.

Sim e não

A UTOPIA DELE

estalar

qual o tamanho da nossa pequenez?
o caleidoscópio mirador de infinitudes
constelado
envelhecer pelo que me arrependi
encruzilhada intangível
gota d'água
IX - alquimistas de propósito
molotov
das flores de magón
caramujos insurrectos
emputeça a alma
labuta sem luta é esquecimento
do sindicato de egoístas
X – o levante

A UTOPIA DELA

Eu e você
XI - Todo esse risco?
Sementes
XII - No precipício
Adiante

ELE NELA

anoiteço
uma viajante de longe
um beque a dois
XIII – o poente orgasmo de valentina

ELA NELE

Tão Eu e Você

XIV - Dois mistérios-médios

Trato de Irreverência

ELE E ELA

XV

NÓS

XVI – nós

XVII – nós

XVIII – Alvorecemos

ELE ENTRE ELAS E ELES

a vida

XIX – me desconhece

tempo

XX – despótico império de arrependimentos

inegociáveis

preciso

quem sabe...

XXI – sinto

ELA ENTRE ELES E ELAS

Teremos

XXII – De joelhos

Minha utopia

ELE PARA ELE
compadre
electra
átomo divino
somos a cantoneira do mundo

ELA PARA ELA
Uma Dúvida
Outra Dúvida
Úmida

ELE E ELA
XXIII

NÓS
XXIV – Domingo
XXV – Outro mar

ELE SEM ELA
XXVI – vou embora

ELA SEM ELE

Muito obrigado,

aos comparsas de letras, aos comparsas da alma; a meu pai, Valcir Bellé – e o espírito desbravador que compartilhamos –, a minha irmã, Patrícia Bellé – e seus samurais -; aos irmãos de mais, muito mais que 80 andares - Garrett, Rodolfo e Urso, que a parceria jamais arrefeça-; à amizade sem fronteiras de Vitor Jasper; às explosões de Ampudia; à inspiração viciante de Bibi Monteiro, à camaradagem de Luana Angreves; ao meu compadre da porta ao lado, Filipe Franco; ao poeta que se rebela em Pedro Henrique Araújo; às fotos e a ternura do irmão do leste, Alex Rosca; aos muros e jardins, aos gramados, ao quarto, à quietude e inspiração, e principalmente a toda gente da Yaddo Art Colony – e especialmente a Anna Maria Hong -; à mansidão de Ed Dadey e as longas planícies verdes ao redor do Art Farm Nebraska, bem como aos confrades que quando lá mudaram os rumos dessa história; ao grande Loki da Trixta; ao meu heroico editor, Eduardo Lacerda e aos compadres e comadres de Patuá; ao parceiro, poeta e mestre Paulo César de Carvalho; a Neruda, Benedetti, Boaventura Santos, Drummond e Leminski; ao God is an Astronaut por No Return; a OASL; à fumaça verde que embalou esses versos; ao brilho de Ale

Paschoalini; à doçura de Thany Sanches; ao violão do Galego; ao carinho e talento de Aline Lata e seu parceiro Érico Toscano, também à arte de Cintia Sanchez; à inspiração maior deste livro, Giovana Moraes Suzin;

e a minha mãe, sempre presente, sempre aqui, sempre ao meu lado.

Esta obra foi composta em Bookman
em junho de 2014 para a Editora Patuá.

Quando Bellé se preparava para viajar aos Estados Unidos
a fim de terminar esta obra nas residências artísticas
de Yaddo e Art Farm, incluiu na bagagem três amuletos:

Escrita INKZ, de Boaventura Sousa Santos;

O Canibalismo Amoroso, de Afonso Romano,

e uma Antologia Poética de Benedetti.

Mas o patuá que salvou sua vida literária
naqueles confins foi o Dicionário Analógico

do Francisco Ferreira dos Santos Azevedo,

que ganhou de presente de despedida
da inspiração maior desta obra. Chico estava certo.

Tiragem de 100 exemplares